

## ÍNDICE

Dedicatória .....	3
Agradecimentos .....	4
Resumo .....	5
Résumé .....	6
Lista de Figuras .....	7
Lista de Quadros .....	8
Citações .....	9

### **Introdução**

1. Formação no âmbito do Portefólio .....	10
1.1. Filosofia do Portefólio .....	11
1.2. Objectivos da Dissertação .....	12
1.3. Importância do estudo .....	12
1.4. Limitações do estudo .....	13
1.5. Organização do estudo .....	14

### **2. Enquadramento teórico**

2.1. Práticas de Avaliação: contributos do Portefólio .....	15
2.2. Enquadramento legal .....	20

### **3. Leitura e Contratos de Leitura**

3.1. A crise da Leitura .....	22
3.2. O valor da Leitura .....	23
3.3. Funções sociais da Leitura .....	24
3.4. Modos de realização da Leitura.....	24

3.5. A Leitura na Escola – Contrato de Leitura .....	25
<b>4. O Estudo</b>	
4.1. Metodologia do Estudo .....	27
4.2. Descrição do estudo .....	28
4.3. Procedimentos .....	29
<b>5. Contrato de Leitura: Portefólio</b>	
5.1. Objectivos .....	33
5.2. Contextos .....	33
5.3. Intervenientes .....	38
5.4. Actividades .....	39
5.5- Avaliação .....	62
<b>6. Conclusão</b> .....	63
Recomendações para estudos futuros.....	65
Referências bibliográficas.....	66
Bibliografia.....	66
Legislação.....	66
Webgrafia.....	67
Anexos.....	68

Aos meus pais

## **AGRADECIMENTOS**

À Senhora Professora Doutora Maria da Graça Sardinha, minha orientadora, agradeço de todo o coração os seus sábios conselhos, assim como a sua total disponibilidade, amizade e paciência com que sempre me atendeu.

À Celeste – colega do Departamento de Línguas Românicas da minha escola – pelo incentivo e porque nunca deixou que eu desistisse.

À Isabel Fael que sempre me animou a ir mais além.

À Constança, porque sem ela muito deste trabalho não teria sido possível.

Aos meus alunos que me ajudam no dia-a-dia a ser melhor professora.

À Ruth, à Helena, ao Fernando e à Carolina apenas porque existem.

Por último, aos colegas, familiares e amigos, pelo incentivo e apoio que sempre me manifestaram.

A todos, o meu

**MUITO OBRIGADA!**

## **RESUMO**

A presente dissertação constitui o resultado de um trabalho feito com os alunos no âmbito do Contrato de Leitura e da construção de um Portefólio.

Como afirmam Conceição Coelho e Joana Campos (2003), novas exigências e novos contextos devem, forçosamente, impulsionar as novas práticas pedagógicas.

O trabalho desenvolvido permitiu reflectir sobre a importância da Leitura e a criação de novos instrumentos de avaliação.

O que é o Portefólio e quais os contributos que traz para a avaliação dos alunos foram as questões a que tentámos dar resposta.

O relato da nossa experiência com alunos do Ensino Secundário, bem como os critérios relativos à sua avaliação, constituíram parte integrante desta dissertação.

## **RÉSUMÉ**

Cette dissertation est le résultat d'un travail fait avec les élèves à propos du Contrat de Lecture et de la construction d'un Portfolio.

Comme affirment Conceição Coelho e Joana Campos (2003), de nouvelles exigences et de nouveaux contextes doivent, obligatoirement, développer les nouvelles pratiques pédagogiques.

L'étude permet de réfléchir sur l'importance de la Lecture et la création de nouveaux instruments d'évaluation.

Qu'est-ce que le Portfolio et quels les apports pour l'évaluation des élèves, telles furent les questions auxquelles nous essayâmes de répondre.

Les démarches de notre expérience avec des élèves du Lycée, aussi bien que les critères concernant leur évaluation, sont les parties intégrantes de cette dissertation.

## LISTA DE FIGURAS

1. Vantagens do Portefólio .....	16
2. Tipos de Portefólio .....	18
3. Orientações metodológicas .....	30
4. Escola Secundária Campos Melo .....	36
5. Escola Secundária Campos Melo - BE/CRE .....	36
6. Escola Secundária Campos Melo - BE/CRE .....	37
7. Escola Secundária Campos Melo - Sala de aula .....	37
8. Auto-retrato .....	40
9. As minhas expectativas.....	42
10. Passagens .....	43
11. Grelha de observação intercalar aluno-aluno .....	44
12. Grelha de observação intercalar do professor .....	45
13. Texto criativo .....	46
14. A obra no ecrã .....	47
15. Correspondência com a personagem .....	48
16. Critérios Gerais e Específicos de Avaliação do Português .....	53
17. Planificação de 11º Ano .....	54
18. Avaliação Intercalar do Portefólio .....	57
19. Ficha de Leitura .....	58
20. Avaliação Final do Portefólio .....	60
21. Avaliação da Expressão Oral .....	61

## LISTA DE QUADROS

1. Avaliação tradicional/Avaliação por Portefólio .....	18
2. Contrato de Leitura – Portefólio .....	32

“Le verbe **LIRE**, comme le verbe **AIMER**, ne supporte pas l’impératif.»

Daniel Pennac

“Ler é encontrar a vida através dos livros e graças a eles compreendê-la e vivê-la melhor.”

André Maurois

“Basta que cada um de nós evoque as primeiras leituras e considere as impressões que delas ficaram pela vida fora, para reconhecer na palavra que o livro transmite uma chave que nos abre um mundo em pleno coração”

Ruy Belo

## INTRODUÇÃO

### 1- FORMAÇÃO NO ÂMBITO DO PORTEFÓLIO

Nos dias que correm, em que se fala cada vez mais numa escola de competências, a avaliação das aprendizagens a partir da concretização de um portefólio assume uma importância crucial, tanto na vida do aluno como do próprio professor.

Assim, desde muito cedo sentimos a necessidade de investigar e procurar instrumentos/meios que nos proporcionassem um conhecimento mais profundo desta metodologia bem como

“uma melhor compreensão das implicações positivas que possam decorrer da sua utilização como estratégia de formação, de investigação, de avaliação e ainda como estratégia de investigação ao serviço da qualidade da formação.” Idália Sá-Chaves (2007)

Realizámos neste contexto uma formação neste âmbito, no ano lectivo de 2006/2007, promovida pela Direcção Geral de Inovação e Desenvolvimento Curricular, subordinada ao título “Projectos/Contratos de Leitura: um Saber em Construção”. A participação na Acção de Formação enquadrou-se, em primeiro lugar, no gosto pessoal de procurar sempre novos conhecimentos e outras formas de abordar os mais diversos assuntos. Por outro lado, o espírito dos novos Programas de Português preconiza a construção de um portefólio ao mesmo tempo que privilegia uma participação mais activa por parte dos alunos, naquilo que diz respeito à Leitura, afirmando-se mesmo que

“A Escola deve estimular a leitura em si mesma indo ao encontro dos gostos pessoais do aluno, fomentando o prazer de ler.” *Programa de Português – 10º, 11º e 12º Anos* (2001/2002)

Mais adiante, no âmbito da construção do quadro teórico, analisaremos toda a documentação referente àquela acção, pois o portefólio, pela novidade que encerra, está na ordem do dia em todo o tipo de formações, quer sejam no âmbito da Língua Portuguesa quer seja em outros ramos do saber.

Nesta perspectiva, podemos trabalhar o portefólio com alunos do Ensino Secundário da Escola Secundária Campos Melo, na Covilhã, ao mesmo tempo que tratávamos deste tema em sessões de trabalho com professores da Escola Secundária Campos Melo onde leccionamos e da Escola Básica com 3º Ciclo do Tortosendo.

Creemos, pois, que professores e alunos podem usufruir deste instrumento de trabalho enquanto promotor de aprendizagens significativas conducentes à reflexão sobre e para a acção.

### **1.1- FILOSOFIA DO PORTEFÓLIO**

Em primeiro lugar, podemos afirmar que o Portefólio é um conjunto de documentos (fotografias, trabalhos de pesquisa, textos escritos, desenhos, ...), reunidos num dossier, acompanhados de uma reflexão do seu autor (aluno ou professor) e organizados tendo em conta os objectivos que se pretende atingir/desenvolver.

É, ainda, um lugar de reflexões onde o professor anota leituras, revê percursos, avalia actividades realizadas, documenta o processo de ensino-aprendizagem desenvolvido nas/com as suas turmas. Um documento que reflecte os seus próprios avanços.

Segundo Sá-Chaves (2007), o portefólio é um conjunto de trabalhos que põem em evidência a natureza reflexiva, colaborativa e interpessoal dos processos de construção do conhecimento. Isto verifica-se quer na dimensão vertical entre avaliador e avaliado (professor/aluno; professor avaliador/professor avaliado), quer na dimensão horizontal entre pares (sobretudo entre alunos).

Podemos então afirmar que o Portefólio não é um mero dossier, uma pasta onde se arquivam textos e/ou documentos devidamente organizados, como também não existe apenas um modelo de portefólio nem uma única forma de o construir.

Se para o aluno se tratará de um instrumento de aprendizagem, na medida em que poderá participar na formulação dos seus objectivos e avaliar o seu progresso, para o professor, o portefólio será sempre um instrumento de reflexão que permite discorrer sobre o que aconteceu numa determinada aula, analisar estratégias e recursos, partilhar dúvidas e certezas.

Em suma, é verdade que o Portefólio traz enormes vantagens tais como:

- proporcionar a tomada de consciência das estratégias utilizadas;
- monitorizar a aprendizagem;
- promover uma boa relação professor-aluno;
- aumentar a auto-estima e o auto-conceito;
- estimular o pensamento reflexivo;
- permitir ao aluno avaliar as suas capacidades;
- implicá-lo na concepção e desenvolvimento de um trabalho de projecto;
- estimular o gosto pela aprendizagem.

No entanto, temos de referir também os constrangimentos que a sua construção pode implicar e que, de certa forma, poderá pôr em causa a sua utilidade.

## **1.2- OBJECTIVOS DA DISSERTAÇÃO**

O estudo, desenvolvido no campo da Didáctica da Língua e da Literatura Portuguesa, apresenta como metas as que passamos a enunciar:

- Reflectir sobre o uso do Portefólio em contexto de ensino-aprendizagem;
- Elaborar uma síntese acerca dos conceitos que ajudam na sua construção;
- Fomentar práticas lectivas, recorrendo ao uso do Portefólio quer para alunos como para professores;
- Construir uma síntese sobre o papel transversal das práticas de leitura.

## **1.3- IMPORTÂNCIA DO ESTUDO**

O estudo, que agora se apresenta, revela-se da maior importância, na medida em que pode ser um contributo para a discussão em torno da transmissão dos saberes.

De facto, nos últimos anos, muito se tem discutido sobre práticas pedagógicas que opõem a prática tradicional à da construção do conhecimento. Relativamente à primeira, toda a aprendizagem se centra no professor que propõe actividades a que os alunos devem dar resposta, seguindo um “guião” que privilegia a memorização e a repetição; Quanto à segunda, é o aluno que tem um papel activo, mobilizando saberes e competências que lhe permitem monitorizar a sua própria aprendizagem.

Neste contexto, devem equacionar-se novas abordagens de avaliação assentes em instrumentos de avaliação diversificados que contribuam para uma melhoria efectiva da qualidade das aprendizagens. O portefólio é, indiscutivelmente, um desses instrumentos.

Convém, no entanto, salientar que o portefólio é, simultaneamente, um instrumento de construção de saberes para o aluno e um documento reflexivo para o professor.

Assim na nossa dissertação, elaborar-se-á um estudo de caso, cujos casos são os portefólios de um aluno e de um professor no âmbito do Contrato de Leitura.

#### **1.4- LIMITAÇÕES DO ESTUDO**

A maior limitação do estudo foi, sem sombra de dúvida, a implementação do portefólio. Em primeiro lugar, porque estávamos a dar os primeiros passos na sua concretização e precisávamos de clarificar, antes de mais, conceitos e práticas. Em segundo lugar, porque nos confrontámos com alguma resistência, quer por parte dos nossos alunos a quem propusemos a sua realização no âmbito do Contrato de Leitura, quer por parte dos professores com quem contactámos em diferentes sessões de trabalho.

Para ultrapassar estas dificuldades, socorremo-nos da formação que tínhamos realizado neste âmbito e do trabalho que fomos desenvolvendo, ao longo do ano lectivo, com os alunos. Muitas vezes fomos construindo um saber de experiências feito, porque só deste modo “o mundo pula e avança” como diz o poeta.

Por outro lado, tal como dizem Conceição Coelho e Joana Campos (2003)

Novas exigências e novos contextos educacionais devem, forçosamente, impulsionar as novas práticas pedagógicas. Estas permitem desenvolver e otimizar as potencialidades dos intervenientes no ensino-aprendizagem, favorecendo a tomada de decisões sobre as condições e os processos indutores da aprendizagem.

Assim, a reflexão aliada à investigação e à prática foi a forma que considerámos mais adequada para realizar o presente estudo.

## **1.5- ORGANIZAÇÃO DO ESTUDO**

Como em qualquer trabalho de investigação, organizámos o nosso de acordo com passos que passamos a enunciar.

Após a introdução, onde damos conta da filosofia do portefólio, dos objectivos que pretendemos atingir, bem como da importância e das limitações do estudo, construímos um quadro teórico baseado numa bibliografia de onde constam Isabel Alarcão, Idália Sá-Chaves, Conceição Coelho, entre outros que nos serviram de modelo para o nosso trabalho.

Introduzimos ainda os conceitos de leitura que integrados nos vários cenários da vida do ser humano são responsáveis pelo crescimento de cada um de nós. O Contrato de Leitura é também caracterizado, uma vez que é actividade que dá o mote ao Portefólio dos Alunos e dos Professores.

A parte respeitante à metodologia corresponde à nossa prática enquanto professora de Português e dinamizadora do Contrato de Leitura/Portefólio nas turmas do ensino secundário, no ano lectivo de 2006/2007.

No final, apresentamos algumas sugestões para trabalhos futuros, uma breve conclusão e os diferentes anexos.

Incluimos, ainda, a bibliografia devidamente compartimentada:

- Referências bibliográficas;
- Bibliografia;
- Legislação;
- Webgrafia.

## **2- ENQUADRAMENTO TEÓRICO**

### **2.1- PRÁTICAS DE AVALIAÇÃO: CONTRIBUTOS DO PORTEFÓLIO**

As práticas tradicionais, baseadas na transmissão do saber, privilegiaram a informação, ignorando o conhecimento e a reflexão sobre o processo de construção do saber. Ou seja, colocavam a tónica no ensino. Deste modo, cabia ao aluno a tarefa de estar atento para depois reproduzir aquilo que tinha assimilado; ao professor estava destinado o papel de vigiar, corrigir e “dar a matéria” que tinha sido pré-determinada e da qual não se podia afastar.

A nova pedagogia que surgiu nos princípios do século XX, pelo contrário, vem colocar a tónica no processo de aprendizagem. Segundo John Dewey, “todo o conhecimento autêntico vem da experiência”, isto é, o aluno passa a ser o construtor do seu próprio conhecimento e o professor, o facilitador nesse processo de construção do saber. Pode então afirmar-se que o aluno constrói os seus próprios saberes, comprometendo-se, assim, cognitivamente e afectivamente. Face a uma tarefa, o aluno deve questionar-se, estabelecer relações com conhecimentos anteriores, procurar novas informações, integrá-las e ajustá-las a novas situações.

Neste sentido, podemos afirmar que a aprendizagem é

- um processo contínuo e prolongado;
- uma construção pessoal onde se aprende aquilo que se quer aprender, procurando o equilíbrio entre o adquirido e o que falta adquirir;
- um processo experiencial interior ao sujeito;
- verificável através de modificações onde o aluno mostra que aprendeu quando for capaz de realizar uma tarefa, de forma consistente e estável, depois de um período de aprendizagem;
- um processo de mobilização e transferência de conhecimentos.

É neste contexto que assume particular importância a avaliação. Ela existe para que se saiba o que o aluno já aprendeu e o que ainda não aprendeu, para que se encontrem meios que permitam que o aluno continue a estudar. Avalia-se para promover a aprendizagem do aluno, mas também para saber como foi desenvolvido o trabalho pedagógico do professor.

Este tipo de avaliação designa-se de avaliação formativa e permite, assim, ajustamentos durante o desenvolvimento do processo de ensino-aprendizagem.

Neste âmbito, devem equacionar-se novas abordagens da avaliação, de modo a privilegiar-se uma pedagogia diferenciada de maneira a que os alunos sejam confrontados com situações didáticas mais proveitosas para a sua aprendizagem e a que o professor também coloque toda a sua criatividade na concepção e na avaliação da capacidade dos alunos de pensarem e agirem de forma autónoma.

Devem, pois, mudar-se as práticas e o portefólio é o instrumento que permite essa mudança. Embora não seja o único, o portefólio traz inúmeras vantagens que passamos a enunciar no quadro seguinte:

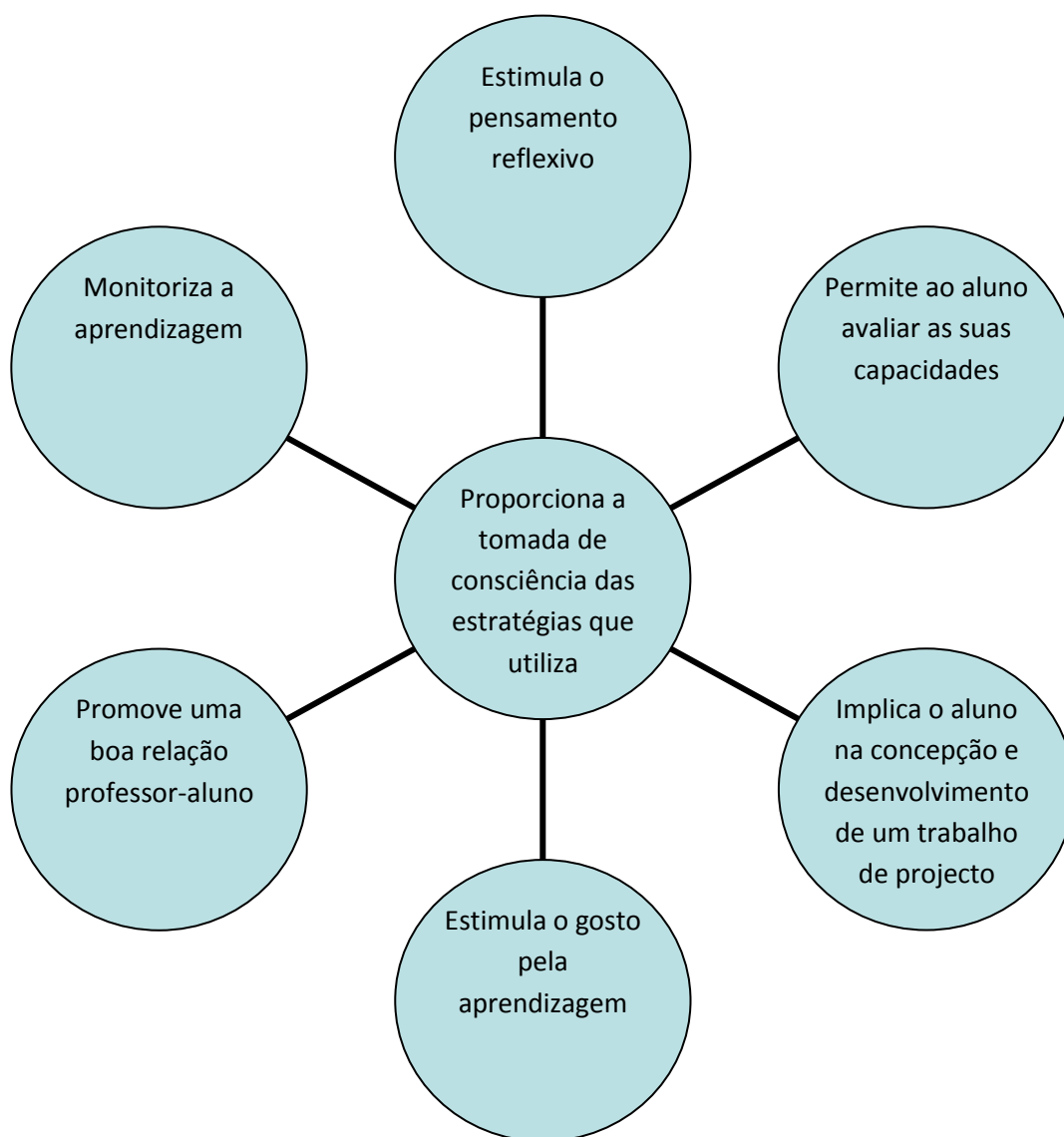


Figura 1 – Vantagens do Portefólio

Como já referimos anteriormente, realizámos anteriormente formação no âmbito do portefólio enquanto instrumento de avaliação do Contrato de Leitura que se desenvolve nas aulas de Português do ensino secundário.

Começámos, assim, por descobrir as cinco estratégias para uma avaliação conforme o modelo construtivista da aprendizagem que consistem em

- dar à avaliação formativa a sua verdadeira função de regulação da aprendizagem;
- conceder ao erro o seu estatuto de formação;
- ancorar a avaliação nas actividades de aprendizagem;
- praticar uma avaliação autêntica;
- integrar de forma sistemática a prática de auto-avaliação.

Deste modo, a avaliação formativa deve

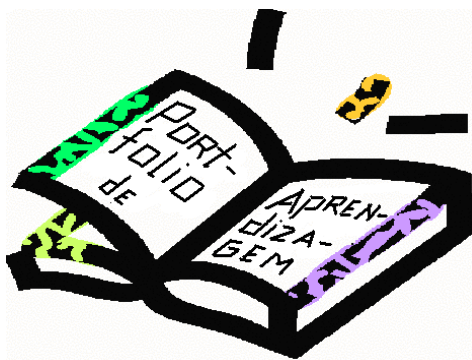
- lançar um olhar positivo sobre os conhecimentos do aluno;
- fornecer ao aluno as informações que o confirmam ou infirmam na realização de uma situação-problema, dando-lhe o apoio necessário;
- efectuar-se o mais rapidamente possível depois da acção e ser directamente utilizável pelo aluno;
- exprimir-se numa linguagem descritiva, informativa;
- permitir ao aluno a percepção dos efeitos tangíveis dos ajustamentos;
- informar sobre o progresso do aluno em relação à realização da situação-problema e não em relação aos outros alunos;
- informar sobre todos os elementos que ajudam um aluno a aprender.

Nesta sequência, podemos então concluir que o uso do portefólio como instrumento de avaliação proporcionará uma avaliação mais autêntica que se afasta da avaliação tradicional e que podemos observar no quadro que se segue:

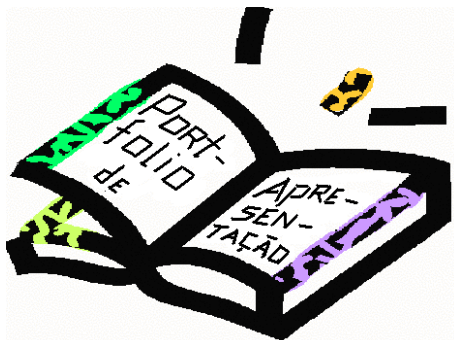
Avaliação tradicional	Avaliação por portefólio
<ul style="list-style-type: none"> <li>- Provém de uma contabilização de exames formais, trabalhos que demonstram confusão entre medida e avaliação;</li> <li>- Está centrada no professor, é punitiva e orientada para o controlo. Não se dá a hipótese de reformulação e melhoria;</li> <li>- É levada a cabo de forma individual sem haver interacções entre os alunos e entre o professor e os alunos.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Responde à avaliação alternativa onde o aluno assume protagonismo de forma a construir a sua própria aprendizagem, autêntica, participada e reflexiva;</li> <li>- O professor fornece um <i>feedback</i> em tempo útil e equaciona eficazmente o percurso individual de cada aluno, ajudando a superar dificuldades e fazendo ajustamentos e correcções;</li> <li>- O encontro e a entrevista são meios privilegiados para a prática reflexiva;</li> <li>- Prevê encontros entre alunos;</li> <li>- Prevê encontros/entrevistas entre professor e aluno.</li> </ul>

Poderemos então falar de diferentes tipos de portefólio, que estarão de acordo com os objectivos que se pretendem atingir, e que são os Portefólios de Aprendizagem, de Apresentação e de Avaliação.

O portefólio de Aprendizagem é uma colecção de trabalhos em vias de elaboração ou já concluídos.



O portefólio de Apresentação é uma colecção dos melhores trabalhos do aluno, apresentados como produto ou resultado.



O portefólio de Avaliação é uma colecção de trabalhos realizados, tendo em vista a avaliação.



A utilização dos diferentes tipos dependerá de diversos factores, nomeadamente o ano de escolaridade, que poderão ser negociados entre professor e alunos.

## 2.2- ENQUADRAMENTO LEGAL

Vários documentos, entre eles o Programa de Português para o Ensino Secundário e o Estatuto da Carreira Docente, apontam o Portefólio como instrumento de avaliação fundamental quer na avaliação dos alunos quer na dos professores.

Neste âmbito, passaremos então a enunciar as passagens que, nestes documentos, preconizam a utilização do portefólio.

Relativamente ao Programa de Português, afirma-se

- na sua introdução que “O programa Língua Portuguesa valoriza o exercício do pensamento reflexivo pela importância de que se reveste no desenvolvimento de valores, capacidades e competências decorrentes do processo de ensino formal, atribuindo à escola a função de incrementar a capacidade de compreensão e expressão oral e escrita do aluno”;
- que “A avaliação é uma componente essencial do processo de ensino-aprendizagem e deve ser sistemática e cuidadosa para ser objectiva e rigorosa”, quando se dão indicações gerais sobre avaliação;
- que “A atribuição de uma classificação ao aluno deverá decorrer dos vários dados recolhidos em momentos de avaliação formais e informais, entre os quais constarão”, mediante a orientação do professor, a organização de “um **portefólio** de avaliação, que deverá incluir um conjunto variado de trabalhos datados e comentados”.

No que diz respeito ao Estatuto da Carreira Docente, Decreto-Lei nº 15/2007 de 19 de Janeiro, diz-se

- no ponto 2 do artigo 40º que “A avaliação do desempenho do pessoal docente visa a melhoria dos resultados escolares dos alunos e da qualidade das

aprendizagens e proporcionar orientações para o desenvolvimento pessoal e profissional no quadro de um sistema de reconhecimento do mérito e da excelência.”;

- no ponto 3 do artigo 45º que “A classificação dos parâmetros definidos para a avaliação do desempenho deve atender a múltiplas fontes de dados através da recolha, durante o ano escolar, de todos os elementos relevantes de natureza informativa”.

A este propósito, acrescentamos que as orientações do Conselho Científico para a Avaliação de Professores prevêem o portefólio como instrumento de apoio a essa avaliação.

### 3- LEITURA E CONTRATOS DE LEITURA

#### 3.1- A CRISE DA LEITURA

Haverá uma crise na leitura? Se é verdade que nunca como hoje se fez tanta publicidade aos livros, se apostou na criação de bibliotecas, se publicaram tantos livros e tão atractivos, também é verdade que se refere constantemente que os jovens não lêem.

Frequentemente somos confrontados com o facto de, nas nossas aulas do Ensino Secundário, os alunos afirmarem que não conseguiram levar até ao fim as obras que têm de trabalhar e que se limitaram a ler resumos mais ou menos bem feitos dessas mesmas obras.

Poderemos, então, tentar encontrar uma explicação para essa crise da leitura.

Em primeiro lugar, deveremos tomar consciência de que, no passado, poucos tinham acesso à escolarização e, deste modo, ao livro. Assim, é evidente que deve existir algum cuidado quando se estabelecem comparações com o “antigamente”.

Em segundo lugar, existem muitas vezes dificuldades ao nível da compreensão. Ou seja, se não estamos na posse de determinadas informações ou contextos, torna-se difícil, se não impossível, de entender o que estamos a ler e isso pode desmotivar-nos. Por exemplo, é frequente os nossos alunos não perceberem a morte por vergonha de Maria, na peça *Frei Luís de Sousa* de Almeida Garrett, porque para eles é natural que os pais se separem.

Por outro lado, se pensarmos numa frase como “O cliente pagou a quantia exacta, mas o empregado ficou fulo”, só poderemos descodificá-la se soubermos que, naquele restaurante, deve deixar-se sempre gorjeta.

Em terceiro lugar podemos referir a competição desleal da Televisão, do Cinema e do Computador. Enquanto ler implica esforço, concentração e tempo, os Media são agradáveis, sensoriais e concretos, apelando à facilidade e à rapidez. Tal como afirma Cândido Martins (2007)

Vivemos cada vez mais na “sociedade sincrónica”, das comunicações instantâneas e da inter-conectividade à escala global; uma cultura sem grande espaço para os valores da tradição e do passado, da história e da memória, porque mitificadora da revolução tecnológica e da velocidade, do imediatismo do presente e da aurora mítica

do futuro. Ao mesmo tempo, mostra-se contaminada pelo pensamento dito pós-moderno, avesso à estabilidade e à veneração, e mais propenso à inversão iconoclasta, ao lúdico e ao fragmentário.

Concluindo, podemos afirmar que as práticas de leitura e que os leitores não são os mesmos do passado, nem melhores nem piores, apenas diferentes. Logo, é importante que se aposte na aplicação de uma verdadeira política de promoção da leitura, porque esta não pode continuar a ser tarefa de alguns, mas deverá dizer respeito a todos.

### **3.2- O VALOR DA LEITURA**

Ler é decifrar qualquer tipo de sinal. Neste contexto, a leitura foi sempre considerada um perigo para todas as autoridades religiosas ou ditatoriais, porque se trata de uma actividade emancipatória.

Por outro lado, desde sempre foi um tema considerado primordial para a evolução das sociedades e, como afirma Maria de Lourdes Dionísio (2000),

Cada vez mais insistentemente, a existência de cidadãos capazes de ler e leitores é preocupação publicamente afirmada com expressão em algumas medidas políticas, nos inúmeros debates, seminários e conferências promovidos para discutir os problemas da leitura.

De facto, se nos confrontamos com uma cada vez maior resistência à leitura por parte dos jovens, que preferem outras formas de distração como a internet ou a televisão, por exemplo, também é verdade que se promovem medidas de incentivo à leitura como a aposta na Rede de Bibliotecas Escolares, as Bibliotecas de Verão em algumas praias ou o Plano Nacional de Leitura onde se integra o Concurso Nacional de Leitura.

### **3.3- FUNÇÕES SOCIAIS DA LEITURA**

Poderá, então, colocar-se a pergunta: Ler, para quê?

As respostas podem ser variadas. Ler permite aumentar o nosso vocabulário e a competência da expressão escrita; ler permite comunicar e argumentar de forma mais correcta e clara; ler permite enriquecer a nossa memória; ler permite sonhar; ler permite conhecer mais e melhor o mundo onde nos inserimos; ler possibilita a abstracção e a generalização; ler pode tornar-nos cidadãos mais responsáveis e interventivos.

Em suma, ler é fundamental na medida em que a nossa inteligência é linguística: “Se queres que te tratem como um tonto, não tomes conhecimento do que se passa: não leias.”, mas também a nossa cultura e a nossa convivência o são. Não é por acaso que a palavra “saudade” representa a essência do povo português e que nenhum outro povo a tem no seu léxico. Por outro lado, as nossas relações sociais, familiares políticas entrelaçam-se com vimes linguísticos, o que pode causar mal-entendidos e fracassos, quando falar e ouvir não são entendidos da mesma forma pelos interlocutores.

### **3.4- MODOS DE REALIZAÇÃO DA LEITURA**

Falar de leitura é falar, deste modo, de uma actividade motivada por um conjunto de circunstâncias que determinam as modalidades de leitura.

Enquanto leitores, podemos ler um romance por simples prazer ou para “o trabalhar” realizando uma análise linguística e estética. Também é verdade que um texto que, num determinado momento, nada nos disse, pode tornar-se um best-seller mais tarde e deixar-nos maravilhados com aquilo que ali lemos.

Acrescentemos, ainda, que duas pessoas podem olhar para o mesmo texto e lê-lo de formas distintas, concretizando-se assim as sábias palavras de Pessoa em “Autopsicografia”

E os que lêem o que escreve,  
Na dor lida sentem bem,  
Não as duas que ele teve,  
Mas só a que eles não têm.

### 3.5- A LEITURA NA ESCOLA – CONTRATOS DE LEITURA

A escola ensina a ler no sentido em que ensina a relacionar os sinais gráficos com as palavras cujos sentidos já conhecemos. Simultaneamente, deve “fazer leitores” na medida em que, como afirma Maria de Lourdes Dionísio (2000),

promove atitudes e modos de ler que nos caracterizarão, por oposição a outros, quanto ao modo como nos vemos e vemos o mundo e, nele, a leitura.

O Programa de Português para o Ensino Secundário preconiza o contrato de leitura como elemento fundamental na motivação para a leitura ao salientar que

A leitura do texto literário deverá ser estimulada pois contribui decisivamente para o desenvolvimento de uma cultura geral mais ampla, integrando as dimensões humanista, social e artística e permite acentuar a relevância da linguagem literária na exploração das potencialidades da língua. Nesse sentido, são seleccionados, para leitura obrigatória, autores/textos de reconhecido mérito literário que garantam o acesso a um capital cultural comum. O convívio com os textos literários acontecerá também quando se puserem em prática **contratos de leitura** a estabelecer entre professor e alunos.

Cabe, neste contexto, ao professor de língua materna

- distinguir entre leitura obrigatória e leitura recreativa;
- ler aos alunos os Direitos do Leitor;
- levar os alunos à biblioteca da escola;
- ler para os alunos;
- celebrar e dinamizar o Contrato de Leitura.

Mais à frente, o mesmo Programa afirma, nas sugestões metodológicas gerais relativas à leitura, que

No **contrato de leitura** cabe a ambas as partes – professor e aluno – estabelecer as regras fundamentais para a gestão da leitura individual, procurando factores de motivação para que esta aconteça.

Podemos então concluir que o Contrato de Leitura

- visa criar alunos leitores dentro e fora da escola;
- não deve ser usado para as leituras obrigatórias;
- não pode não fazer-se;
- pretende que os alunos leiam o que não lêem habitualmente;
- permite que o aluno possa não ler o livro que escolheu em primeiro lugar, devendo justificar a sua desistência;
- é um trabalho complexo que implica uma aliança entre aluno e professor.

## **4- O ESTUDO**

### **4.1- Metodologia do Estudo**

O presente estudo insere-se na metodologia do estudo de caso.

De facto, estudo de caso é uma abordagem metodológica de investigação especialmente adequada quando procuramos compreender, explorar ou descrever acontecimentos e contextos complexos, nos quais estão simultaneamente envolvidos diversos factores.

Yin (1994) afirma que esta abordagem se adapta à investigação em educação, sendo o investigador confrontado com situações complexas, de tal forma que dificulta a identificação das variáveis consideradas importantes: quando o investigador procura respostas para o “como?” e o “porquê?”, quando o investigador procura encontrar interacções entre factores relevantes próprios dessa entidade; quando o objectivo é descrever ou analisar o fenómeno, a que se acede directamente, de uma forma profunda e global; e quando o investigador pretende apreender a dinâmica do fenómeno, do programa ou do processo.

Assim, Yin (1994:13) define “estudo de caso” com base nas características do fenómeno em estudo e com base num conjunto de características associadas ao processo de recolha de dados e às estratégias de análise dos mesmos.

Por outro lado, Bell (1989) define o estudo de caso como um termo “guarda-chuva” para uma família de métodos de pesquisa, cuja principal preocupação é a interacção entre factores e eventos.

Fidel (1992) refere que o método de estudo de caso é um método específico de pesquisa de campo.

Estudos de campo são investigações de fenómenos à medida que ocorrem, sem qualquer interferência significativa do investigador.

Coutinho (2003), refere que quase tudo pode ser um “caso”: um indivíduo, um personagem, um pequeno grupo, uma organização, uma comunidade ou mesmo uma nação.

Da mesma forma, Ponte (2006:2) considera que

É uma investigação que se assume como particularística, isto é, que se debruça deliberadamente sobre uma situação específica que se supõe ser única ou especial, pelo menos em certos aspectos, procurando descobrir o que há nela de mais essencial e característico e, desse modo, contribuir para a compreensão global de um certo fenómeno de interesse.

Bensabat et alii (1987), consideram que um estudo de caso deve possuir as seguintes características:

- Fenómeno observado no seu ambiente natural;
- Dados recolhidos, utilizando diversos meios (observações directas e indirectas, entrevistas, questionários, registos de áudio e vídeo, diários, cartas, entre outros);
- Uma ou mais entidades (pessoa, grupo, organização) são analisadas;
- A complexidade da unidade é estudada aprofundadamente;
- Pesquisa dirigida aos estágios de exploração, classificação e desenvolvimento de hipóteses do processo de construção do conhecimento;
- Não são utilizadas formas experimentais de controlo ou manipulação.

#### **4.2- Descrição do estudo**

O presente trabalho desenvolveu-se, numa primeira fase, entre Setembro de 2006 e Junho de 2007 e, numa segunda fase, em 2008. O primeiro momento contemplou o trabalho realizado com os alunos a quem leccionávamos no âmbito do Contrato de Leitura; o segundo, decorreu das sessões de trabalho com professores da Escola Secundária Campos Melo.

No que diz respeito aos alunos, estiveram envolvidas quatro turmas do Ensino Secundário do curso de Ciências e Tecnologias, a saber:

- 11º B (26 alunos);
- 11º C (26 alunos);
- 12º A (20 alunos)
- 12º B (28 alunos)

A metodologia seguida no trabalho com os alunos inseriu-se no âmbito da formação que estávamos a realizar e que aqui descreveremos.

O Contrato de Leitura é um trabalho complexo. Por isso implica uma aliança entre aluno e professor. Deve ter por base a realização de tarefas e não uma justaposição de conhecimentos. Pretende-se assim que o aluno:

- alargue expectativas
- crie comportamentos de leitor
- adquira gosto para ler mais e melhor
- leia obras integrais
- estabeleça laços entre a leitura e a escrita
- adapte modalidades de leitura em função do seu projecto
- desenvolva uma aprendizagem no domínio cognitivo, afectivo e relacional
- encoraje os outros a ler
- desenvolva comportamentos de solidariedade
- avalie as suas aprendizagens e as dos seus pares

Quanto aos professores, estes pertencem à nossa Escola e fazem parte do Departamento de Línguas Românicas ao qual pertencemos e que têm de trabalhar, com os alunos, o Contrato de Leitura.

### **4.3- Procedimentos**

Na primeira aula, informámos os alunos do tratamento que iria ser dado ao Contrato de Leitura. Começámos por lhes explicar sumariamente o que é um portfolio, que iríamos construir um no âmbito do Contrato de Leitura e que, para isso, era necessário o cumprimento de algumas regras que foram logo identificadas.



# ESCOLA SECUNDÁRIA CAMPOS MELO

## CONTRATO DE LEITURA / PORTFOLIO

### Orientações Metodológicas

Ano Lectivo 2006/2007

### CONTRATO DE LEITURA

**Objectivo:** desenvolver o gosto pela leitura.

1. Escolha do livro a ler;
2. Leitura da obra até 10/11/2006;
3. Aula semanal – quinta ou sexta-feira – para concretização da leitura (2º bloco);
4. Realização de diferentes tarefas que permitam a apresentação do livro aos colegas e professora (sublinhar uma frase, apresentar uma personagem, dizer se se gostou ou não e porquê, construção de um portfolio...);
5. Assinatura do Contrato;

**Nota:** Só a título excepcional será permitida a troca de um livro para leitura; essa desistência terá de ser, contudo, devidamente explicada por escrito.

### PORTFOLIO

1. Pesquisa de documentos que se relacionem com o livro escolhido;
2. Datação de todos os documentos a inserir no portfolio;
3. Elaboração de um índice;
4. Apresentar bibliografia;
5. Rever o portfolio sempre que necessário, tendo em especial atenção os comentários do professor e dos colegas;
6. Primeira análise do portfolio, 13/10/2006;

A primeira dificuldade verificou-se no momento da escolha do livro a ler. A maior parte dos alunos teve alguma relutância em aceitar a recusa de alguns títulos, por parte da professora, porque alegavam não gostar de ler ou porque insistiam em ficar-se pelo mais fácil, preparando-se para repetir o que tinham feito no ano anterior.

A segunda dificuldade colocou-se ao nível do tempo que se podia dispor para o Contrato de Leitura.

Ficou decidido que seriam dedicados a esta tarefa quinze a vinte minutos semanais, no espaço aula. No entanto, se é verdade que deste modo se podia quebrar o ritmo porventura mais monótono da aula, também é verdade que se tornou, por vezes, difícil conciliar todo o trabalho. Por outro lado, com turmas de vinte e seis alunos, nem sempre foi possível dar uma resposta imediata a todos os alunos e nas mesmas condições.

Contudo, foi com agrado que vimos o trabalho dos alunos que traziam os livros que estavam a ler para a aula e nos questionavam frequentemente sobre as nossas próprias leituras.

Assim, o nosso projecto obedece ao quadro que passamos a apresentar.

## **5- CONTRATO DE LEITURA: PORTEFÓLIO**

### **5.1- Objectivos**

### **5.2- Contextos**

- A Escola
- A Sala de Aula

### **5.3- Intervenientes**

- Os Alunos
- Os Professores

### **5.4- Actividades**

- Dos Alunos
- Dos Professores

### **5.5- Avaliação**

## **5- CONTRATO DE LEITURA: PORTEFÓLIO**

### **5.1- Objectivos**

- Promover hábitos de leitura
- Desenvolver a competência da leitura
- Formar leitores
- Desenvolver competências de auto-reflexão através do portefólio

### **5.2- Contextos**

- A Escola

A Escola Secundária Campos Melo (ESCM) localiza-se na Rua Vasco da Gama n.º 40, em plena cidade da Covilhã, numa zona circundada por habitações, tendo igualmente acesso pela Avenida 25 de Abril.

Por Decreto de 03 de Janeiro de 1884, subscrito pelos Ministros das Obras Públicas e da Instrução Pública, respectivamente António Augusto de Aguiar e Hintze Ribeiro, é criada na Covilhã uma Escola Industrial, com o fim de "*ministrar o ensino apropriado às indústrias predominantes n'aquella localidade, devendo este ensino ter uma forma eminentemente prática*" (cit. in Decreto).

As aulas começaram a funcionar em 16 de Dezembro de 1884 com a disciplina de Desenho Industrial. Matricularam-se nesse ano lectivo 65 alunos, quatro dos quais de sexo feminino.

Cinco anos depois (1889), o quadro da Escola Industrial Campos Melo já comportava vários professores, com destaque para o alemão Wustner, que leccionava a disciplina de Desenho Industrial Mecânico, e o suíço Martin Kuratlé, que dirigia o Curso de Tecelagem.

A Escola vive até 1897 o seu primeiro período áureo, com um número de alunos sempre crescente até quase atingir as duas centenas. No entanto, um Decreto datado de 14 de Dezembro de 1897, assinado por António José da Cunha, ao dar uma nova

organização no ensino industrial, criando um mais genérico, teórico e subvalorizando a componente prática, vem afastar muitos alunos da Escola, que conhecerá um longo período de estagnação e frequência inferior a cem alunos até praticamente ao início dos anos 20 do século XX.

Em 1912 a Escola é transferida para o núcleo central das actuais instalações, edifício em construção aquando da Implantação da República.

O ano de 1948 assinalou uma nova era no Ensino Técnico em Portugal, sobretudo decorrente da publicação do Decreto nº 37029 de 25 de Agosto que estabelecia o Estatuto Industrial e Comercial, transformando a Escola Industrial em Escola Industrial e Comercial.

Os anos cinquenta iniciaram-se sob bons auspícios para a Escola que é alvo de grandes obras de intervenção/adaptação, que culminaram, em 2 de Outubro de 1955, com a inauguração de um novo edifício, contíguo ao primeiro.

Em 1969 a Escola passa a chamar-se Escola Técnica Campos Melo. A revolução do 25 de Abril e a explosão escolar vieram alterar radicalmente o ensino, criando o curso Geral Unificado e abolindo as designações "*Escola Técnica/Liceus*". Viveram-se, então, anos de grande agitação, de sucessivas alterações curriculares, assistindo-se à massificação do ensino. No entanto, a Escola Secundária Campos Melo soube adaptar-se aos novos tempos e alcançar o respeito e a adesão de sucessivas gerações de jovens, prova evidente do seu sucesso enquanto instituição virada para o futuro.

Assim, aquando da celebração de Centésimo Aniversário da Escola, frequentavam a escola 1400 alunos. O encerramento das celebrações do 1º centenário ficará também assinalado pela atribuição da Ordem de Instrução Pública à ESCM, pela Presidência da República, em Janeiro de 1985.

Nos anos seguintes, a Escola foi acompanhando as mudanças quer a nível curricular, quer a nível de melhoria dos espaços e dos equipamentos.

Assim, em 1999/2000, a Biblioteca sofreu grandes alterações, permitindo, com isso, a sua entrada na Rede das Bibliotecas Escolares (2000): tornava-se, então, um centro de recursos educativos, alargando as suas funções e passando a ser uma mais-valia no processo de ensino/aprendizagem.

Em 2004, ano das comemorações do 120º aniversário, a E.S.C.M. seria distinguida pela autarquia com a Medalha de Ouro de Mérito Municipal, o que atesta o

empenho do seu corpo docente e discente na consolidação desta instituição nas suas diversas vertentes e o “reconhecimento pela sua actividade na área da Educação, contribuindo desta forma para o prestígio do Concelho da Covilhã.”

As diversas parcerias que a Escola estabeleceu, o investimento que tem vindo a realizar em novas tecnologias ao serviço da educação, o envolvimento da comunidade escolar na consecução de um Projecto Educativo que aposta na formação de cidadãos empreendedores, criativos, eticamente responsáveis, capazes de aprender ao longo da vida e de se realizar através da cultura, da ciência, da tecnologia e da estética, são desafios que estão na base da gestão e diversificação dos *curricula*.

#### - A Sala de Aula

A sala de aula é espaço privilegiado para a leitura. Não apenas a leitura silenciosa que se faz de um texto antes de começarmos a analisá-lo ou a leitura que os alunos têm de realizar para que possamos avaliar esta competência.

A sala de aula deve ser, também, o lugar onde se lê em voz alta. Lê o aluno uma passagem do livro que anda a ler e que quer partilhar com os seus colegas. Lê o professor que traz para a aula o livro que tem na sua mesa de cabeceira. Apenas pelo simples prazer de ler.

Julgamos que, desta forma, o gosto pela leitura aumentará e que a interpretação de um texto, de um gráfico ou de uma imagem se tornará também mais fácil e agradável.



Figura 2 – Escola Secundária Campos Melo (Covilhã)



Figura 3 – Escola Secundária Campos Melo (BE/CRE)



Figura 4 – Escola Secundária Campos Melo (BE/CRE)



Figura 5 – Escola Secundária Campos Melo (Sala de aula)

### 5.3- Intervenientes

- Os Alunos

Tal como já referimos anteriormente, desenvolvemos no ano lectivo de 2006/2007 um trabalho, no âmbito do Contrato de Leitura, com alunos de quatro turmas do Ensino Secundário a quem leccionávamos a disciplina de Português. Esse trabalho consistiu na elaboração de um portefólio.

As turmas que participaram foram as seguintes:

- duas turmas de 11º ano (11º B e 11º C)

Ambas as turmas eram constituídas por vinte e seis alunos que, na sua maioria, referiram não gostar de ler porque “Ler é uma seca!”.

- Duas turmas de 12º ano (12º A e 12º B)

Enquanto o 12º A era constituído por vinte alunos, o 12º B tinha vinte e oito alunos. Tal como nas turmas de 11º ano, os alunos mostraram não gostar de ler. Destacou-se um aluno, no 12º A, que se recusou a ler, no primeiro período, o livro para o Contrato de Leitura e uma aluna, do 12º B, que revelou no seu portefólio todo o prazer da leitura.

- Os Professores

Os docentes envolvidos fazem parte do Departamento de Línguas Românicas e, com eles, realizámos sobretudo algumas sessões de trabalho sobre a forma como podemos implementar a construção do Portefólio, ligado ao Contrato de Leitura, no âmbito da disciplina de Português.

## 5.4- Actividades

As actividades desenvolvidas têm em conta o Projecto Educativo da Escola (que apresentaremos em anexo), bem como os instrumentos criados pelos alunos nos seus portefólios e as planificações e documentos referentes aos critérios gerais e específicos de avaliação de Português construídos pelos professores.

Pela importância de que estes documentos se revestem, passamos a apresentar uma análise detalhada.

### - Dos Alunos

No que diz respeito aos alunos, e depois de terem sido definidas as regras para o Contrato de Leitura, começámos por apresentar uma lista (em anexo) de livros a ler. Informámo-los que para além dessa lista, teriam toda a liberdade para escolher outra obra desde que se enquadrasse nos critérios já definidos (uma obra de reconhecido mérito literário que não fosse leitura habitual). Fizemos, também, uma visita à biblioteca da escola para que os alunos pudessem contactar mais de perto com os livros a seleccionar.

Após a escolha da obra a ler, entregámos uma Ficha de Registo de Leitura e demos algumas orientações sobre a construção do Portefólio.

Assim, sugerimos que os alunos comesçassem por se apresentar e por dar conta das suas expectativas face ao livro escolhido.

Apresentamos, de seguida, exemplos incluídos no Portefólio do aluno.



## Texto Criativo

Lorris, num rix maroto. Lou bastante simples.  
Linto-me uma oleira que trabalha pacientemente  
o seu barro, que assume as mais variadas  
formas. Para por alguns instantes.

Tantas recordações que correm na minha mente,  
mas quanto mais me esforço por reproduzir  
fielmente o rosto que tão bem conheço, mais  
difícil se torna fazê-lo.

Fecho os olhos e deixo as minhas mãos  
trabalharem à vontade. Elas sabem o que  
têm a fazer.

Constança

Constança Santos

Figura 6 – Auto-retrato

12 de Outubro de 2006

A Obra

As minhas expectativas...

Escolher o livro foi uma tarefa árdua. E não. Não é pelo facto de não gostar de ler. Na verdade, gosto muito e talvez seja por isso que não me consegui decidir prontamente.

Mas, da lista dos livros recomendados, este título pareceu-me sugestivo. A personagem (Dorian Gray) era retratada num filme como um ser imortal, sempre jovem, e eu pensei que o livro fosse no género "super herói". Não é. Bem feito, não podia estar mais longe. Mas surpreendeu-me pela positiva, pois agrada-me a ideia de um Dorian Gray mais humano, de poder perceber a sua história e as suas ideias.

Prevejo uma grande obra e suspeito que, no final, terei aprendido alguma lição de vida, por enquanto, secreta, mas que estou ansiosa por descobrir.

Constança Santos

Figura 7 – As minhas expectativas

Ao longo das aulas semanais que programámos para trabalhar o contrato de leitura, pedimos que os alunos lessem e tomassem nota de passagens que lhes tivessem chamado mais a atenção

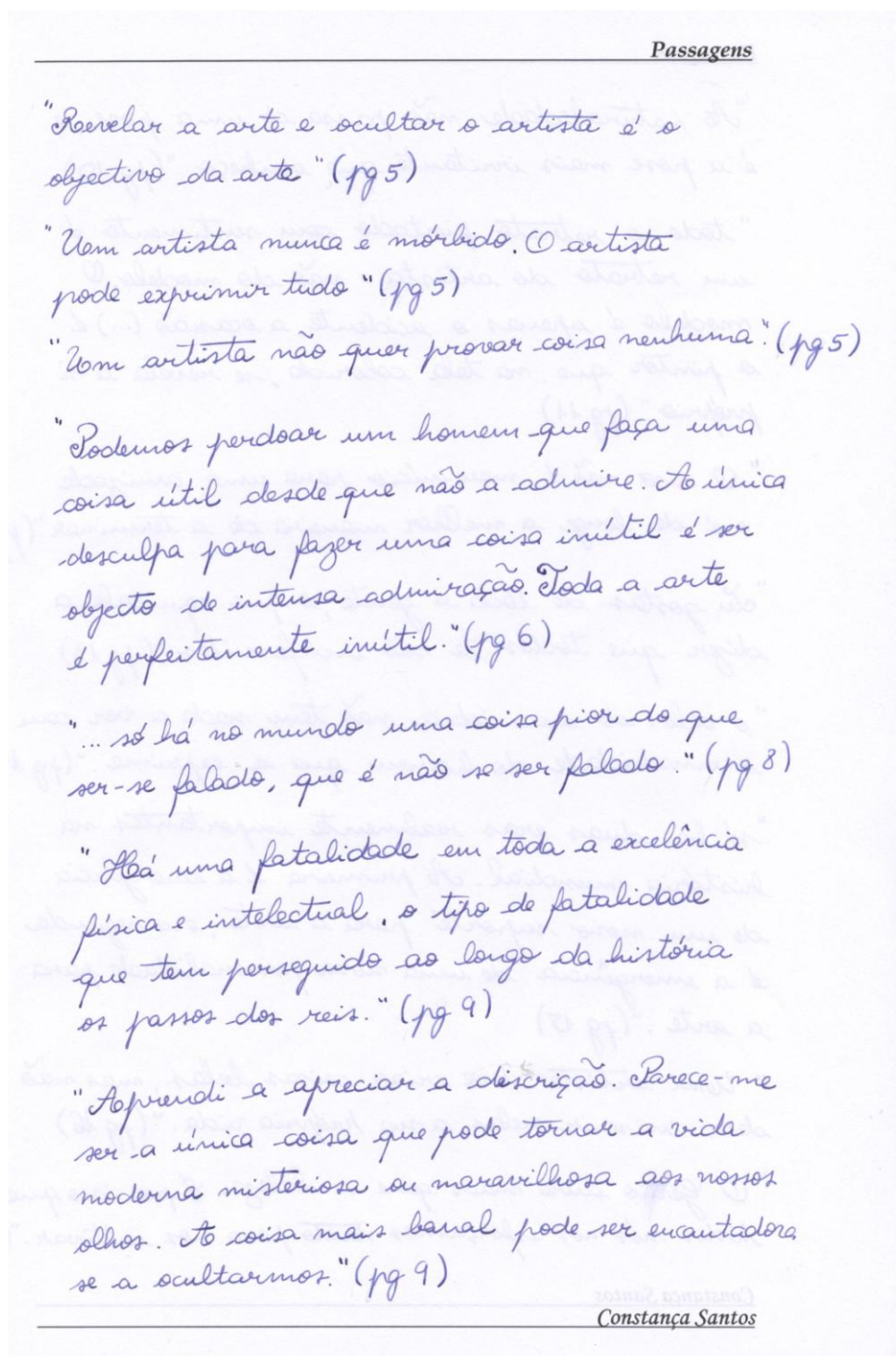



Figura 8 – As passagens mais interessantes

Ao longo de todo o processo, foram sendo feitas entrevistas com os alunos bem como uma avaliação intercalar entre pares ou por parte do professor, no sentido orientarmos os trabalhos.



**ESCOLA SECUNDÁRIA CAMPOS MELO**

**Grelha de Observação**

**Contrato de Leitura – Portfolio**

Nome do aluno observado	O Portfolio possui uma capa	O Aluno seguiu as sugestões dadas pelo colega/professor	O Aluno corrigiu o seu trabalho	O Aluno apresenta o seu ponto de vista sobre a obra	O Portfolio contém documentos diversificados	O Portfolio possui índice e bibliografia
Leontina Santos	S	S	S	S	S	S
Sugestões	<p>↓ (não tinha nada escrito)</p>					

O Aluno

\_\_\_\_\_  
Irene Viana

Data: 13/11/2006

Figura 9 – Grelha de observação intercalar aluno-aluno



## ESCOLA SECUNDÁRIA CAMPOS MELO

### Avaliação Intercalar

#### Contrato de Leitura – Portfolio

<b>Data:</b> ... / ... / ...	<b>Avaliação:</b>
<b>A Professora:</b> _____	<b>Sugestões:</b>
<b>Data:</b> ... / ... / ...	<b>Avaliação:</b>
<b>A Professora:</b> _____	<b>Sugestões:</b>
<b>Data:</b> ... / ... / ...	<b>Avaliação:</b>
<b>A Professora:</b> _____	<b>Sugestões:</b>

Figura 10 – Grelha de observação intercalar do professor

À medida que iam desenvolvendo o seu portefólio, os alunos foram produzindo textos de escrita criativa a partir de um título, frase ou autor, textos expositivo-argumentativos e sínteses sobre a obra e o seu autor, entre outros.

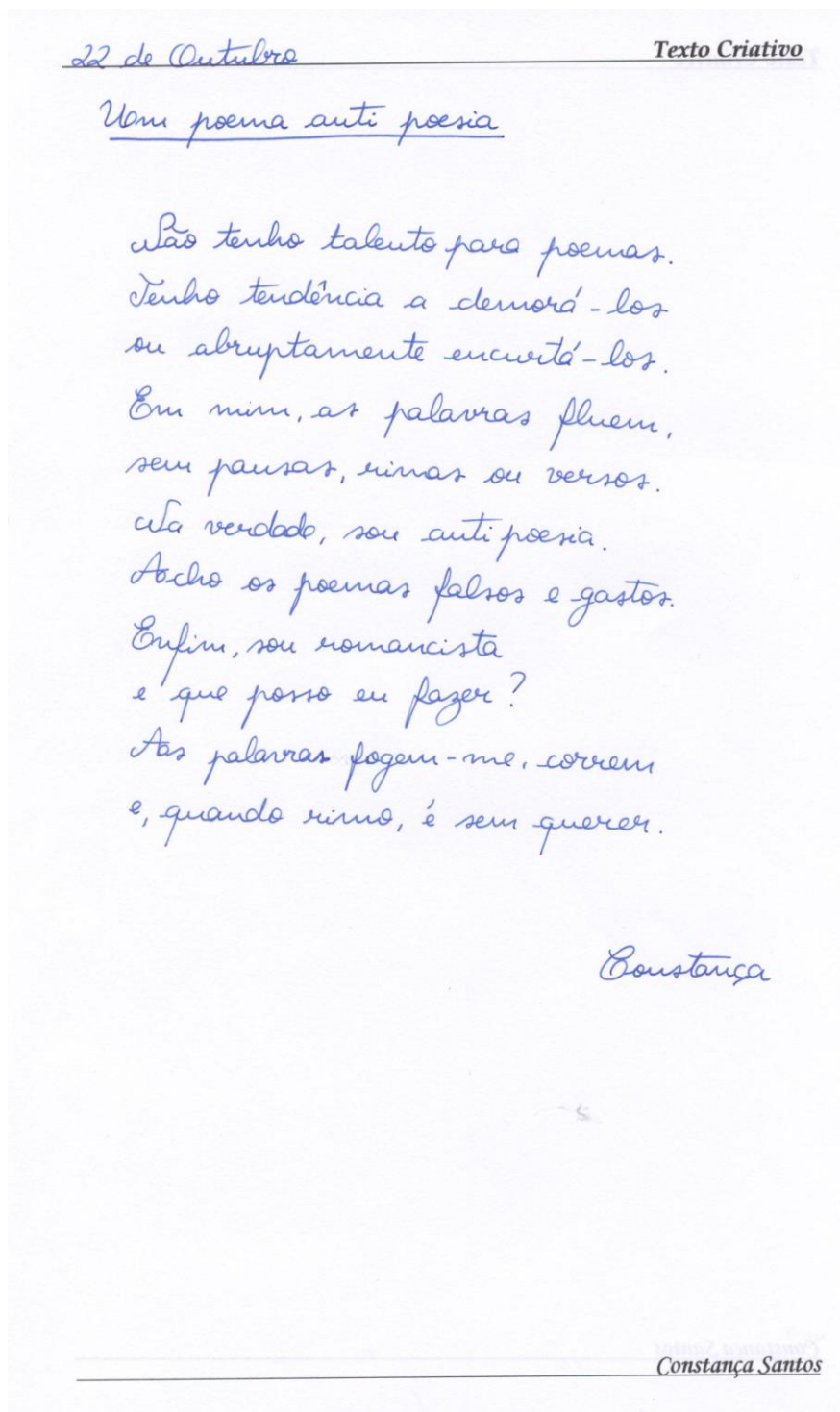


Figura 11 – Texto criativo



Covilhã, dia 24 de Setembro

Caro Mr Gray,

Foi uma agradável surpresa conhecê-lo.

Temo que o Mr Hallward não tenha sido justo, pois parece-me que o Mr Gray está bastante para além da tela. Não me interprete mal, mas acho que nenhum artista, por mais talento que tenha, será alguma vez capaz de captar absoluta e realmente a verdade das coisas. Assim, a arte deixaria de ser arte, porque deixaria de ser humana. A condição humana é a subjectividade e a parcialidade, por isso nunca poderemos abarcar todos os pontos do mundo.

Não me quero, no entanto, alongar em reflexões filosóficas, embora estas, como sabe, me agradem tanto.

O intuito desta carta é certificar-me de que o Mr Gray está bem, já que me pareceu, a mim e ao Mr Hallward, muito transtornado, diferente do Mr Gray que havia entrado naquela sala horas antes.

Espero que tenha reencontrado alguma paz de espírito. Encontrar-nos-emos amanhã em caso do Mr Hallward, conforme o combinado.

Até lá!

Constança Santos.

Figura 13 – Correspondência com a personagem

Londres, 7 de Setembro  
de 2006

Caro amigo

Escrevo-te porque te sei sensata  
e porque conheces o que me vai  
no espírito.

Alma?! Já não a tenho! É  
mas sei se a que tive alguma vez  
foi minha ...

Não importa, pois tu adivinhas,  
de qual quer modo, como sou.

Tentei tornar-me bom, sem  
juras como o tentei após a morte de  
Jane Vane. Mas é tarde. Tarde por  
me tornar ao homem que nunca quis  
ser.

Por isso, vou destruí-lo, destruir  
o resto de mim mesmo.

2005 20

Não o deixo para que me  
demonhas, digo-to para que o  
faças.

Não me fustures, melhor  
Constança.

Tudo o que eu cantava lá  
foi. Retenho um só tão específico.

~~Dono~~

Figura 14 – Correspondência com a personagem

Covilhã, 1 de Novembro de 2006

Querido Dorian,

Custa-me ver-te, assim abandonado, vinte anos depois da minha última carta, no chão poeirento e sujo do teu escritório.

Desperdicaste a tua vida. Queimaste-a. Apunhalaste-a muito antes deste dia.

Fizeste as tuas escolhas e estas foram sempre no sentido errado. Escolheste o vício, a corrupção, a maldade, o assassinio, tudo em nome de um bem que sabias não valer a pena.

Vendeste-te, para comprares prazeres efémeros, fúteis, inuteis. Perdeste o que foste, a tua potencialidade, a tua alegria, a tua frescura e o teu encanto. Foi por eles que gostei de ti.

Custa-me ver-te, assim preso, vinte anos depois do último encontro, na moldura velha e estrogada do teu retrato rasgado. Pázes no chão bolorento e manchado de sangue, não só do teu mas também do do Brasil.

Estás velho e gasto.

Conseguirás agora ver que o que sacrificaste foi a tua própria alma?

Tua amiga,

Constança

Figura 15 – Correspondência com a personagem

Finalmente, os alunos deveriam fazer a apresentação oral do livro que tinham lido e que representaria a síntese de todo o trabalho realizado ao longo período.

- Dos Professores

Com os professores, o trabalho que realizámos centrou-se essencialmente na construção de materiais de apoio para a dinamização do Contrato de Leitura e do Portefólio na aula de Português do Ensino Secundário.

Desde as planificações que incluíam já o Contrato de Leitura até às grelhas de avaliação que fomos elaborando, daremos agora conta. Desejamos acrescentar a este propósito que essas grelhas têm vindo a ser melhoradas à medida que vamos avançando na implementação do Portefólio com os nossos alunos.

<p style="text-align: center;"><b>ESCOLA SECUNDÁRIA COM 3º CICLO CAMPOS MELO – COVILHÃ</b>  <b>CRITÉRIOS GERAIS E ESPECÍFICOS DE AVALIAÇÃO DE PORTUGUÊS</b></p>			
<p style="text-align: center;">Ensino Secundário</p>		<p style="text-align: center;">10º, 11º e 12º Anos</p>	
<p style="text-align: center;">Ano lectivo 2006 – 2007</p>			
Critérios Gerais	Critérios Específicos	Instrumentos de Avaliação	Factores de desvalorização
<p><b>Domínio dos Conhecimentos, Aptidões e Capacidades (96 %)</b></p> <ol style="list-style-type: none"> <li>1. Conhecimentos no âmbito da disciplina;</li> <li>2. Aptidões intelectuais e estratégias cognitivas;</li> <li>3. Capacidades de comunicação;</li> <li>4. Capacidades de recolha e tratamento de informação.</li> </ol>	<p><b>Leitura / Escrita</b></p> <p><b>Funcionamento da Língua</b></p> <p>Correcção do Conteúdo.....60 %</p> <p>Correcção Linguística.....40 %</p> <p><b>Expressão Oral.....5 %</b></p> <p><b>Contrato de Leitura.....5 %</b></p> <p><b>Cívismo.....2 %</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- É cuidadoso na entrada e saída da aula.</li> <li>- Intervém de forma oportuna e responsável</li> <li>- Mostra espírito de tolerância e capacidade de diálogo.</li> <li>- Revela atitudes de respeito e solidariedade.</li> </ul> <p><b>Responsabilidade/Autonomia.....2 %</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- É assíduo e pontual.</li> <li>- Realiza as tarefas solicitadas pelo professor dentro do prazo estabelecido.</li> <li>- É capaz de realizar tarefas e ultrapassar dificuldades sem ajuda contínua.</li> <li>- Traz sempre o material necessário para as aulas e preocupa-se com a arrumação e conservação do local de trabalho, materiais e equipamento.</li> </ul>	<p><b>A aplicar ao longo do ano</b></p> <p>Testes..... 5 / 6</p> <p><b>Expressão Oral Formal.....3</b></p> <p><b>Contrato de Leitura.....3</b></p>	<p><b>Conteúdo e Correção Linguística</b></p> <ol style="list-style-type: none"> <li>1. O afastamento integral do conteúdo implicará a desvalorização total;</li> <li>2. Por cada erro de sintaxe ou de impropriedade lexical serão descontados 2 (dois) pontos;</li> <li>3. Por cada erro inequívoco de pontuação ou por cada erro de ortografia, incluindo erro de acentuação e de utilização de letra maiúscula, será descontado 1 (um) ponto;</li> </ol> <p><b>Observações</b></p> <ol style="list-style-type: none"> <li>1. São erros ortográficos, entre outros, a: <ul style="list-style-type: none"> <li>• ausência, colocação errada ou desenho ambíguo do acento;</li> <li>• troca de acento grave por agudo, ou do til por circunflexo, etc.;</li> <li>• incorrecta translineação de palavras; e ausência de duplo hífen na translineação de palavras com hífen;</li> <li>• incorrecta utilização de maiúscula e de minúscula.</li> </ul> </li> <li>2. Se um erro de ortografia (incluindo acentuação ou má utilização de maiúscula) for repetido, apenas será penalizada uma ocorrência.</li> <li>3. Os descontos serão efectuados até ao limite da pontuação indicada para a correção linguística (40%)</li> </ol>
<p><b>Domínio das Atitudes e Valores (4 %)</b></p> <ol style="list-style-type: none"> <li>1. Cívismo</li> <li>2. Responsabilidade/Autonomia</li> </ol>			

Professores: Elsa Duarte, Luísa Brazinha, Maria do Carmo Abrantes, Maria Celeste Alves, Maria das Dores Cunha, Maria José Ivo, Maria José Soares, Olga Fonseca, Ofélia Mesquita e Susel Fonseca.

Figura 16 – Critérios Gerais e Específicos de Avaliação de Português



ESCOLA SECUNDÁRIA COM 3º CICLO CAMPOS MELO

Planificação Anual

Português – 12º Ano

Ano Lectivo: 2006/2007

Competências

**De Comunicação:** Componentes linguística, discursiva/textual, sociolinguística, estratégica;

**Estratégica:** estratégias de leitura e de escuta adequadas ao tipo de texto e à finalidade; seleção e organização de informação; operações de planificação execução e avaliação da escrita e da oralidade; pesquisa em vários suportes; concepção e utilização de vários instrumentos de análise; elaboração de ficheiros; utilização das TIC;

**Formação para a cidadania:** tomada de consciência e exercício dos direitos e deveres; apresentação e defesa de opiniões; desenvolvimento do espírito crítico; construção de uma identidade pessoal e cultural através da reflexão sobre ideias, motivações e acções; conhecimento e aceitação das diferenças do outro; apresentação e defesa de opiniões; desenvolvimento de capacidades críticas.

Objectivos Gerais	Conteúdos						Tempo	Materiais/Recursos	Avaliação
	Processuais		Declarativos *						
	Comprens. oral	Leitura	Comp. Oral	Exp. Oral	Exp. escrita	F. da Língua			
<ul style="list-style-type: none"> <li>Mobilizar conhecimentos prévios</li> <li>Antecipar conteúdos a partir de indícios vários</li> <li>Utilizar diferentes estratégias de escuta e de leitura</li> <li>Distinguir a matriz discursiva de vários tipos de texto</li> <li>Determinar a intencionalidade comunicativa</li> </ul>	<p><b>Comprens. oral</b></p> <p><u>Estruturação da actividade de escuta/visionamento em três etapas:</u></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>-Pré-escuta/visionamento</li> <li>-Escuta/visionamento</li> <li>-Pós-escuta/visionamento</li> </ul> <p><u>Estratégias de escuta:</u></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>-Global</li> <li>-Selectiva</li> <li>-Pormenorizada</li> </ul> <p>Registo de notas</p> <p><b>Expressão oral</b></p> <p><u>Estruturação da actividade de produção em três etapas:</u></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>-Planificação</li> <li>-Execução</li> <li>-Avaliação</li> </ul>	<p><b>Seqüência 1</b></p> <p>O verbal e o visual</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- a imagem fixa e em movimento</li> <li>- funções da imagem (argumentativa e crítica)</li> <li>- <b>Textos informativos diversos</b></li> <li>- <b>Textos líricos</b></li> <li>- leitura literária: Fernando Pessoa, o ortónimo e os heterónimos</li> <li>- <b>Ortónimo</b></li> <li>- o fingimento artístico</li> <li>- a dor de pensar</li> <li>- a nostalgia da infância</li> <li>- <b>Heterónimos</b></li> <li>- <b>Alberto Caeiro</b></li> <li>- a poesia das sensações</li> <li>- a poesia da natureza</li> <li>- <b>Ricardo Reis</b></li> <li>- o neopaganismo</li> <li>- o Epicurismo e o Estoicismo</li> <li>- <b>Álvoro de Campos</b></li> <li>- a Vanguarda e o sensacionismo</li> <li>- a abulia e o tédio</li> <li>- <b>Textos informativos diversos</b></li> <li>- <b>dos domínios transaccional e educativo</b></li> </ul>	<p><b>Seqüência 1</b></p> <p><b>Debate</b></p> <p>Registos áudio e audiovisuais diversos (poemas ditos, poemas musicados, filmes, vídeos baseados na obra de F. Pessoa, documentários sobre o autor, a obra e a época, sítios da Internet)</p> <p>Documentários</p> <p>Excertos de filmes</p> <p>Registos áudio e audiovisuais</p>	<p><b>Seqüência 1</b></p> <p><b>Textos de apreciação crítica</b></p> <p><b>Exposição</b></p> <p><b>Textos de reflexão</b></p>	<p><b>Seqüência 1</b></p> <p>Pragmática e Linguística textual</p> <p>Texto (continuidade; progressão; coesão; coerência)</p> <p>Tipologia Textual (protótipos textuais)</p> <p>Estruturas lexicais</p> <p>Consolidação dos conteúdos dos 10º e 11º anos</p>	<p><b>1º Período</b></p> <p>± 50 aulas</p>	<p>Manual adoptado:</p> <p><u>Página Seguinte</u></p> <p>(Texto Editora)</p> <p>Livro do Professor</p> <p>(Texto Editora)</p> <p>Acetatos</p>	<p>Diagnóstica</p> <p>Listas de verificação;</p> <p>Escalas de classificação</p> <p>Grelhas de observação</p>	

Objectivos Gerais	Conteúdos					Tempo	Materiais / Recursos	Avaliação	
	Processuais	Declarativos *							
		Leitura	Comp. Oral	Exp. Oral	Exp. escrita				F. da Língua
<ul style="list-style-type: none"> <li>Distinguir factos de sentimentos e de opiniões</li> <li>Reflectir sobre o funcionamento da língua</li> <li>Reconhecer a dimensão estética e simbólica da língua</li> <li>Contactar com autores do Património Cultural Português</li> </ul>	<p><b>Escrita</b>  <u>Estruturação da actividade de produção em três etapas:</u>            - Planificação            - Textualização            - Revisão</p> <p>Elaboração de apontamentos</p>	<p><b>Seqüência 2</b>            Discurso político</p>	<p><b>Seqüência 2</b>            Discurso político</p>	<p><b>Seqüência 2</b>            Exposição</p>	<p><b>Seqüência 2</b>            Textos expositivo-argumentativos</p>	<p><b>Seqüência 2</b>            Processos fonológicos            Interação discursiva (força ilocutória)            Texto (continuidade; progressão; coesão; coerência)</p>	<p>1º Período            ± 50 aulas</p>	<p>Fotocópias            Leitor áudio e vídeo            CD áudio            Televisão            DVD</p>	<p>Testes objectivos            compreensão oral/escrita            Testes não objectivos</p>
		<p><b>Seqüência 2</b>            Sermão de Santo António aos Peixes (excertos)            P. António Vieira</p>	<p><b>Seqüência 3</b>            Filme <i>Frei Luís de Sousa</i>            Documentários sobre Garrett, o Romantismo e outros</p>	<p><b>Seqüência 3</b>            Dramatização</p>	<p><b>Seqüência 3</b>            Textos expressivos e criativos,            Resumo de textos expositivo-argumentativos</p>	<p><b>Seqüência 3</b>            Texto (continuidade; progressão; coesão; coerência)            Tipologia textual (protótipos textuais)            Tempo e aspecto; modalidade</p>			
<ul style="list-style-type: none"> <li>Elaborar de apontamentos</li> </ul>	<p><b>Leitura</b>  <u>Estruturação da actividade em três etapas:</u>            - Pré-leitura            - Leitura            - Pós-leitura</p> <p><u>Estratégias de leitura:</u>            - Leitura global            - Leitura selectiva            - Leitura analítica e crítica</p> <p>Elaboração de apontamentos</p>	<p><b>Seqüência 3</b>  <i>Frei Luís de Sousa</i>,            (leitura integral)            Almeida Garrett</p>	<p><b>Seqüência 3</b>  <i>Frei Luís de Sousa</i>            Documentários sobre Garrett, o Romantismo e outros</p>	<p><b>Seqüência 3</b>            Textos expressivos e criativos,            Resumo de textos expositivo-argumentativos</p>	<p><b>Seqüência 3</b>            Texto (continuidade; progressão; coesão; coerência)            Tipologia textual (protótipos textuais)            Tempo e aspecto; modalidade            Ordem de palavras; função sintáctica            Figuras de sintaxe</p>	<p>Outras produções do aluno</p>			

[B6C]

Objectivos Gerais	Conteúdos					Tempo	Materiais/ /Recursos	Avaliação
	Processuais	Declarativos *						
		Leitura	Comp. Oral	Exp. Oral	Exp. escrita			
<p>Proceder a uma reflexão linguística e a uma sistematização de conhecimentos sobre o funcionamento da língua, a sua gramática, o modo de estruturação de textos / discursos, com vista a uma utilização correcta e adequada dos modos de expressão linguística.</p> <p>Utilizar métodos e técnicas de pesquisa, registo e tratamento de informação, nomeadamente com o recurso às novas tecnologias de informação e comunicação (TIC).</p> <p>Desenvolver práticas de relacionamento interpessoal favoráveis ao exercício da autonomia, da cidadania, do sentido de responsabilidade, cooperação e solidariedade.</p>	<p><b>Funcionamento da Língua</b> Gramática do texto</p>	<p><b>Seqüência 4</b> Caricaturas, desenhos humorísticos (função crítica da imagem)</p>	<p><b>Seqüência 4</b> Documentários sobre a vida e obra do autor; excertos de filmes e séries baseadas na obra do autor; programas áudio e audiovisuais humorísticos</p>	<p><b>Seqüência 4</b> Debate</p>	<p><b>Seqüência 4</b> Síntese de texto expositivo-argumentativo</p>	<p><b>Seqüência 4</b> Texto (continuidade; progressão; coesão; coerência) Tipologia textual (protótipos textuais)</p>	<p>Quadro</p> <p>Revistas</p> <p>Jornais</p> <p>Computador</p> <p>Internet: - páginas web - e-mail - chat - ...</p>	<p>2º Período ± 48 aulas</p>
		<p><b>Seqüência 5</b> Textos dos media: editorial, artigos de apreciação crítica, imagens (função argumentativa) e textos publicitários</p> <p>Cesário Verde</p>	<p><b>Seqüência 5</b> Produções áudio e audiovisuais diversas: publicidade</p>	<p><b>Seqüência 5</b> Textos publicitários (orais e audiovisuais)</p>	<p><b>Seqüência 5</b> Artigos de apreciação crítica</p>	<p><b>Seqüência 5</b> Texto (continuidade; progressão; coesão; coerência) Tipologia textual (protótipos textuais) Paratextos Expressões nominais</p>		

\* **Oficina de Escrita e Contrato de Leitura a desenvolver ao longo do ano.**

**Professoras:** Elsa Duarte, Maria da Carmo Abrantes, Maria José Ivo, Ofélia Mesquita e Susel Fonseca

[BIO]

Figura 17 – Planificação de 11º ano



## ESCOLA SECUNDÁRIA CAMPOS MELO

### Avaliação Intercalar

#### Contrato de Leitura – Portefólio

<p><b>Data:</b> ... / ... / ...</p> <p><i>O Aluno:</i> _____</p>	<p><b>Objectivos:</b> Sim ____ Não ____</p> <p><b>Bibliografia:</b> Sim: ____ Não: ____</p> <p><b>Reformulação do portefólio:</b> Sim: ____ Não: ____</p> <p><b>Integração de sugestões:</b> Sim: ____ Não: ____</p>
<p><b>Data:</b> ... / ... / ...</p> <p><i>O Aluno:</i> _____</p>	<p><b>Sugestões:</b></p> <p><b>Objectivos:</b> Sim ____ Não ____</p> <p><b>Bibliografia:</b> Sim: ____ Não: ____</p> <p><b>Reformulação do portefólio:</b> Sim: ____ Não: ____</p> <p><b>Integração de sugestões:</b> Sim: ____ Não: ____</p> <p><b>Sugestões:</b></p>

Figura 18 – Avaliação intercalar do Portefólio

# ESCOLA SECUNDÁRIA CAMPOS MELO



## Ficha de Registo de Leitura

Nome \_\_\_\_\_ Turma \_\_\_\_\_ Nº \_\_\_\_\_ Data \_\_\_\_\_

### Indicações bibliográficas (autor, título, edição, colecção, local, editora, data)

---

---

---

---

### Informações sobre o autor

---

---

---

---

---

### Classificação da Obra e sua justificação (ficção romanesca, policial, científica, histórias maravilhosas e fantásticas, narrativa histórica, banda desenhada, teatro, poesia, diário, ensaio, aventuras...)

---

---

---

---

### Resumo


---

---

---

---




  
**ESCOLA SECUNDÁRIA CAMPOS MELO**
  
**Parâmetros de Avaliação**
  
**Portefólio / Contrato de Leitura**

Nº / Nome	Organização lógica do portefólio			Qualidade dos trabalhos			Qualidade das reflexões			Cumprimento das tarefas solicitadas			Cumprimento dos prazos definidos			Total
	I	S	B	I	S	B	I	S	B	I	S	B	I	S	B	
1.																
2.																
3.																
4.																
5.																
6.																
7.																
8.																
9.																
10.																
11.																
12.																
13.																
14.																
15.																
16.																
17.																
18.																
19.																
20.																
21.																
22.																
23.																
24.																
25.																
26.																
27.																

Legenda: avaliação qualitativa/quantitativa  
 • Insuficiente - 0  
 • Suficiente - 2  
 • Bom - 4

Figura 20 – Avaliação Final do Portefólio

ESCOLA SECUNDÁRIA C/3º CEB CAMPOS MELO - COVILHÃ  
 GRELHA DE AVALIAÇÃO DA EXPRESSÃO ORAL



**Português**

Nº/Nome	Parâmetros de Avaliação												Total		Data								
	Socorre-se de notas/plano apenas para gerir a apresentação		Adequação à situação de comunicação		Voz audível/articulação correcta		Ritmo adequado/Gestão do tempo		Evita bordões linguísticos		Expressividade (verbal/não verbal)		Discurso fluente e organizado			Pertinência do conteúdo (refere no mínimo três argumentos)		Visão crítica da obra/tema apresentada(o)		Emprego de vocabulário específico da tipologia textual apresentada		Factores específicos de desvalorização	
	I	S	B	I	S	B	I	S	B	I	S	B	I	S		B	I	S	B	I	S	B	a)-2
1																							
2																							
3																							
4																							
5																							
6																							
7																							
8																							
9																							
10																							
11																							
12																							
13																							
14																							
15																							
16																							
17																							
18																							

Figura 21 – Avaliação da Expressão Oral

## **5.5- Avaliação**

A avaliação do Portefólio é uma avaliação formativa. Significa isto que cabe ao professor informar, analisar, valorizar, ajudar o aluno a aprender.

Deverá ter em conta o processo de construção dos próprios saberes e deverão avaliar-se as escolhas realizadas pelo aluno, as suas justificações e verificar-se os níveis de eficácia das estratégias cognitivas e metacognitivas utilizadas.

Devemos, por último, privilegiar cada vez mais este instrumento de avaliação embora se revele por vezes difícil, na medida em que a avaliação quantitativa tem ainda muito peso na avaliação final do aluno.

## 6- CONCLUSÃO

O estudo efectuado tinha como objectivos a reflexão sobre o uso do Portefólio e a dinamização de práticas lectivas que conduzam a uma cada vez maior motivação dos jovens para a Leitura.

Julgamos ter atingido os nossos objectivos. Compreendemos também que a construção de um Portefólio traz bastantes vantagens, mas ainda alguns riscos mais difíceis de ultrapassar.

O primeiro desses riscos é o de o portefólio se reduzir a um mero dossier onde se arquivam documentos.

O segundo risco tem a ver com a possibilidade de o portefólio ser visto como mais uma moda em educação, não sendo aceite e implementado por todos.

O terceiro risco prende-se com a resistência por parte de alunos e professores que pode advir do facto de se considerar que ele implicará mais trabalho e exige mais tempo.

A importância destes riscos chama a atenção para a necessidade de mais formação neste âmbito e de uma melhor planificação, porque, como afirma Maria Benigna Villas Boas (2006),

- o Portefólio trata-se de um procedimento de uso recente; poucos professores e escolas o conhecem ou já o desenvolveram;
- o Portefólio quase não é conhecido por pais e alunos, pelo que a tendência é a manutenção da crença de que o teste é o procedimento mais sério;
- a preparação de pais e alunos para a implementação do Portefólio é fundamental;
- a literatura sobre o tema ainda é incipiente. Pelo que as escolas terão de procurar informações em várias fontes, nomeadamente o trabalho com as universidades;
- a introdução do Portefólio como procedimento de avaliação pode ser entendido como terrorismo pedagógico, cabendo à escola a criação de um clima de trabalho favorável, de modo a que não seja entendido como sobrecarga;

- a decisão de implementar o Portefólio deve partir da escola;
- o trabalho com o Portefólio deverá iniciar-se aos poucos, assegurando aos alunos segurança para prosseguir, na medida em que ainda estão muito habituados a receber tudo pronto e a cumprir ordens.

Em suma, terminamos com a certeza de que o caminho se faz caminhando e que, apesar dos contratemplos, tudo se resolverá no sentido de uma maior cooperação entre todos os que estão envolvidos na avaliação das aprendizagens.

## **Recomendações para estudos futuros**

Com o presente estudo não pretendemos ser exaustivos. Muitas coisas ficaram por dizer e julgamos que esta matéria é campo para muito trabalho.

Terminamos com algumas questões que poderão ser ponto de partida para outros estudos:

- Como ajudar os alunos a avaliar o seu próprio trabalho?
- Que tipo de formação o professor precisa para trabalhar convenientemente com o Portefólio?
- Como é que o Portefólio pode ser apresentado aos pais?
- Como considerar o Portefólio nas reuniões de avaliação?
- Que registos de observação se adequarão melhor na avaliação do Portefólio?

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALARCÃO, Isabel (org.) (1996). *Formação Reflexiva de Professores – Estratégias de Supervisão*. Porto: Porto Editora

COELHO, Conceição e CAMPOS, Joana (2003). *Como abordar... O Portfolio na Sala de Aula*. Perafita: Areal Editores

DIONÍSIO, Maria de Lourdes da Trindade (2000). *A Construção Escolar de Comunidades de Leitores – Leituras do Manual de Português*. Coimbra: Almedina

FERREIRA, António Manuel e Pereira, M<sup>a</sup> Eugénia (Coord.) (2007). *Ofícios do Livro*. Aveiro: Universidade de Aveiro

SÁ-CHAVES, Idália (2007). *Portfolios Reflexivos – Estratégia de Formação e de Supervisão Nº1*. Aveiro: Universidade de Aveiro

VILLAS BOAS, Benigna Maria de Freitas (2006). *Portefólio, Avaliação e Trabalho Pedagógico*. Porto: Asa Editores, S.A.

## Bibliografia

BERNARDES, Carla e MIRANDA, Filipa Bizarro (2003). *Portefólio - Uma Escola de Competências*. Porto: Porto Editora

SÁ-CHAVES, Idália (org.) (2005). *Os “Portfolios” Reflexivos (Também) Trazem Gente Dentro. Reflexões em torno do seu uso na humanização dos processos formativos*. Porto: Porto Editora

## Legislação

EDUCAÇÃO, MINISTÉRIO DA (2001/2002). *Programa de Português – 10º, 11º e 12º Anos – Cursos Gerais e Cursos Tecnológicos, Formação Geral*

EDUCAÇÃO, MINISTÉRIO DA (2008). *Recomendações do Conselho Científico para a Avaliação de Professores sobre a elaboração e aprovação de instrumentos de registo normalizados*. 25 de Janeiro de 2008. Lisboa: Portal da Educação

## Webgrafia

[http://sitio.dgdic.min-edu.pt/revista\\_noesis./doc](http://sitio.dgdic.min-edu.pt/revista_noesis./doc) (02/04/2009)

<http://www.prof2000.pt/users/j.pinto/matematica> (02/04/2009)

<http://www.educ.fc.ul.pt/docentes/ichagas/mi1> (05/03/2009)

<http://www.vestcon.com.br/ft/3116.pdf> (05/03/2009)

[http://www.scribd.com/doc/2518714/portefoliodocente?from\\_related\\_doc=1](http://www.scribd.com/doc/2518714/portefoliodocente?from_related_doc=1) (23.09.2008)

<http://portal.ipvc.pt/images/ipvc/ese/pdf/portefolio.pdf> (14.08.2008)

<http://aulaportugues.no.sapo.pt/portefolio.htm> (14.08.2008)

[http://www.apm.pt/apm/revista/educ74/materiais\\_1.pdf](http://www.apm.pt/apm/revista/educ74/materiais_1.pdf) (10.08.2008)

## **ANEXOS**

## PROYECTO EDUCATIVO

### **III PARTE**

(Que Escola queremos ser. Aplicação do Modelo SWOT)

Com o objectivo de avaliarmos a qualidade do serviço educativo que prestamos, e perspectivarmos as Linhas de Força da acção educativa da ESCM para o próximo triénio, foram aplicados inquéritos à comunidade escolar (Alunos, Professores, Pessoal Não Docente, Representantes dos Encarregados de Educação), durante o mês de Junho, cujo tratamento de dados se encontra em Anexo. A partir da sua análise e da reflexão participada de todos os que quiseram dar o seu contributo, identificámos os Pontos Fortes da nossa Escola, as Áreas de Melhoria, as Ameaças, as Oportunidades e as Directrizes Estratégicas a implementar no próximo triénio, de acordo com o Modelo SWOT. Definimos a Missão, Visão e Valores por que se norteia o nosso PE.

#### **1. Pontos Fortes**

##### **1.1. Processo Ensino/Aprendizagem**

Qualidade no processo ensino/aprendizagem

Rigor e exigência

Transparência no processo de avaliação

Boa relação Professor – Aluno

Disponibilidade dos professores para o atendimento aos alunos

Existência de salas de estudo orientado

Forte ligação Director de Turma – Encarregado de Educação

Oferta educativa diversificada

##### **1.2. Cultura da Escola**

###### **1.2.1. Actividades de Enriquecimento Curricular**

**Clubes:** Criar Laços, Teatro, Museu, Rádio, Floresta/Ambiente, Jornal, Poesia, Ciências, Robótica, Biotecnologia, Holografia, Saúde, Agenda 21, Cinema, Artes, Conservação e Restauro, Desporto Escolar.

**Projectos:** Let's Meet In Europe, Parlamento dos Jovens, Plano Nacional de Leitura, Ciência Viva, Concurso Jovens Cientistas e Investigadores, Sarau Cultural, Olimpíadas, Intercâmbio Escolar com Espanha, As Artes e o Meio, Arquivo Histórico, Inventário do Património Museológico da Educação.

### **1.2.2. Utilização das Tecnologias de Informação**

GIAE on-line

Rede Intranet

Página Web

Breves on-line (blog)

### **1.3. Funcionamento dos Serviços**

Qualidade do atendimento nos vários serviços: Biblioteca/Centro de Recursos, Papelaria/Reprografia, Serviços Administrativos, Acção Social Escolar, Cantina e Bufete.

### **1.4. Espaços Físicos**

Biblioteca/Centro de Recursos

Auditório

Pavilhão Gimnodesportivo

Laboratórios

Salas de Informática

Oficina de Artes

Museu Educativo

## **2. Áreas de melhoria**

Condições de alguns espaços e sistemas

Horário de alguns sectores

Competências sociais

Área exterior envolvente ao espaço escolar

### **3. Oportunidades**

Revisão curricular do ensino

Alargamento da rede de CEF's e Cursos Profissionais

Consolidação do Centro Novas Oportunidades (CNO)

Aumento previsto do número de anos da escolaridade obrigatória 26

### **4. Ameaças**

Revisão curricular do ensino

Restrições orçamentais do Estado

Défi ce de atractividade dos números do desenvolvimento local

Falta de ordenamento das áreas envolventes

### **5. Missão, Visão e Valores**

**MISSÃO:** Educar cidadãos que desenvolvam as competências necessárias ao sucesso profissional e pessoal, com vista à integração numa sociedade em constante mudança.

**VISÃO:** A ESCM deve afirmar-se como uma instituição que promove:

- uma cultura de inclusão;
- o desenvolvimento de capacidades e competências para uma boa qualificação científica e profissional;
- a preparação para o prosseguimento de estudos ou para a vida activa através da relação educação/formação;
- a valorização do trabalho e do sentido de responsabilidade;
- a consciencialização dos jovens para a dimensão pessoal, social e ambiental da educação;

- a formação de cidadãos empreendedores, criativos, eticamente responsáveis, capazes de aprender ao longo da vida e de se realizar através da cultura, da ciência, da tecnologia e da estética.

#### **VALORES:**

- a dignidade da pessoa humana;
- o respeito pela diferença;
- a democracia;
- a solidariedade;
- a responsabilidade;
- o trabalho.

### **6. Directrizes estratégicas**

Tomando como ponto de partida as áreas de melhoria definidas, procurámos perspectivar o trabalho para o próximo triénio, tendo em vista o desenvolvimento de acções de melhoria da qualidade do serviço educativo prestado pela Escola, tendo ainda como referência os cinco domínios-chave propostos pela IGE para a avaliação de escolas, para o que definimos as seguintes metas/vertentes de intervenção:

#### **6.1. Resultados**

- 6.1.1. Melhoria das atitudes dos alunos face ao estudo e à disciplina dentro e fora da sala de aula;
- 6.1.2. Obtenção de resultados acima da média nacional nos exames nacionais;
- 6.1.3. Taxas de transição/conclusão acima dos 80%;
- 6.1.4. Taxas de abandono abaixo dos 5%.

#### **6.2. Prestação do serviço educativo**

- 6.2.1. Incentivo à formação contínua e ao trabalho cooperativo do pessoal docente e não docente;

6.2.2. Diversificação dos apoios educativos: planos de recuperação, de acompanhamento e de desenvolvimento, aulas de apoio pedagógico, tutorias, Sala de Estudo e Plano de Acção para a Matemática;

6.2.3. Apoio às actividades de enriquecimento curricular, através da dinamização dos clubes, da BE/CRE, da realização de dias temáticos e da participação em projectos nacionais e internacionais, nomeadamente nas áreas científica, tecnológica e humanística;

6.2.4. Oferta de percursos educativos/formativos diferenciados, tendo em conta a adequação ao prosseguimento de estudos e ao mercado de trabalho.

### **6.3. Organização e gestão escolar**

6.3.1. Monitorização da execução do Projecto Educativo e do Projecto Curricular de Escola;

6.3.2. Elaboração e execução dos Planos Anuais de Actividades, em consonância com o Projecto Educativo;

6.3.3. Incentivo à participação dos Pais e Encarregados de Educação na vida escolar dos seus educandos e da comunidade escolar.

### **6.4. Liderança**

6.4.1. Apoio sustentado à inovação, quer nos fins, quer nos meios postos à disposição pela escola;

6.4.2. Apoio à participação em projectos nacionais e internacionais que visem proporcionar novas oportunidades para a prossecução de critérios de excelência;

6.4.3. Celebração de protocolos e parcerias que favoreçam os alunos (UBI, AFTEBI, empresas locais e regionais);

6.4.4. Apresentação de candidaturas pedagógicas e financeiras a Cursos que possibilitem percursos formativos diferenciados, com vista ao sucesso educativo dos alunos (CEF's, Cursos Profissionais, CRVCC);

6.4.5. Participação em Projectos que constituam mais-valias para a Escola - Ciência Viva, Rede de Bibliotecas Escolares, Escolas Promotoras da Saúde, CRIE, Património Museológico, PAM, Comenius...

## CONTRATO DE LEITURA

## CONTRATO DE LEITURA

Entre o primeiro outorgante (ou contraente) Susel  
Fonseca (nome), professora de Português e o segundo  
outorgante Constança Santos (nome), nº 7 da turma  
29, do 12º ano da Escola Secundária Campos Melo estabelece-se  
este Contrato de Leitura, acordando-se as seguintes cláusulas:

- 1ª- O primeiro outorgante coordena as actividades desenvolvidas no âmbito deste contrato.
- 2ª- O segundo outorgante compromete-se a ler uma obra « de reconhecido mérito literário de autores maioritariamente contemporâneos das literaturas nacional e universal (...)», por período.
- 3ª- O segundo outorgante compromete-se a dar conta da sua leitura, através de actividades previamente acordadas.
- 4ª- O primeiro outorgante avalia qualitativa e quantitativamente a actividade realizada pelo segundo outorgante, com base num instrumento de avaliação do conhecimento de ambas as partes.
- 5ª- O segundo outorgante efectua a sua autoavaliação, de acordo com o instrumento referido no número anterior.
- 6ª- Este contrato foi feito em duplicado e vai ser assinado pelos outorgantes, destinando-se um exemplar à professora e outro ao(à) aluno(a), que o arquivará no seu dossiê.

Covilhã, 18 de Setembro de 2006

O Primeiro Outorgante  
Maria Susel Fonseca

O Segundo Outorgante  
Constança Santos

## DOCUMENTOS DOS ALUNOS

Com o aparecimento da indústria cinematográfica, foi possível adaptar-se, para o grande ecrã, a obra O Retrato de Dorian Gray, de Oscar Wilde.

O filme no qual eu tive conhecimento com Mr Gray intitula-se "A Liga dos Cavaleiros Extraordinários". Contudo, este é o filme que mais se afasta da personagem criada por Wilde. No referido filme, Dorian é apresentado como "super herói", do estilo personagem da Marvel. Não envelhece, mantendo-se belo e fresco, tal como no livro, mas é imortal. No filme, podemos ver Dorian com poderes especiais, fazendo levantar objectos e sendo trespassado por balas sem, no entanto, morrer. Daí que eu, desconhecendo a obra de Wilde, tenha sido levada a lê-la na expectativa de um Dorian Gray "super homem". No filme, escapa a degradação moral e intelectual de Dorian, ao livro, os super poderes.

Não contava com um livro tão sombrio e a viagem ao mundo degradado de Dorian Gray não foi agradável. Mas gostei da obra porque me ensina que o preço do nosso egoísmo e da nossa maldade é a nossa própria essência, a nossa alma, um preço demasiado elevado.

Covilhã, dia 21 de Setembro de 2006

Caro Max Hilde,

"Revelar a arte e ocultar o artista é o objectivo da arte."

Ao ler o Prefácio da obra O Retrato de Dorian Gray, estas palavras destacaram-se, despertando a minha curiosidade. Talvez porque eu sempre concebi os artistas demasiado exibicionistas para se quererem esconder atrás da sua obra e demasiado vistosos para o conseguirem fazer. Ou talvez seja simplesmente porque a minha ideia de arte me impede de aceitar prontamente as suas palavras.

Ao meu ver, a arte é, como disse, "inútil"; é-o, pelo menos, no sentido tradicional do termo, já que não é seu propósito simplificar a vida do homem. Mas pode melhorá-la. Se nos deixarmos levar pelas suas asas, podemos sonhar, viajar, aprender, derrotar velhos medos e conhecer novos mundos.

Sim. A arte muda a nossa realidade, fá-la menos insuportável e menos cáustica.

Contudo, sendo "inútil", por definição, é desprovida de objectivos (e digo a arte não tem objectivos, o que não significa que o seu criador não tenha). A arte, como fenómeno, de certo modo, transcendente ao próprio criador, é seu fim em si mesma. A arte cria-se para ser simplesmente arte. As leituras, as revelações que o ~~criador~~ dela tira não são o seu objectivo, são apenas a sua inevitável consequência.

Espero que não leve a mal esta minha tomada de posição e que até seja capaz de retirar algo dela.

Não use a sua arte para se esconder mas deixe que esta lhe revele a vida.

Agora, Mr Wilde, peço-lhe que não se retraiça e que me conte tudo o que sabe de Dorian Gray.

Constança Santos.

Caro Mr Gray,

Eu e Mr Hallward esperá-mo-lo durante a manhã e início da tarde. O pobre Mr Hallward não se conseguia conformar com a sua negligência, coitado. Tentei ainda convencê-lo de que não aparecera por algum motivo de força maior, preso nalgum assunto de gente importante ou com alguma tarefa, alguma incumbência de natureza urgente.

Crisis não ter sido muito convincente pois o querido Mr Hallward não quiz desviar os olhos do seu retrato, chamando-o uma e outra vez pelo "seu menino".

Foi por isso que o estranhei em passeios com Lord Wotton. Fique desconfiado, pois guardarei o que vi. No entanto, permita-me adverti-lo para tal amizade, já que se esquece dos seus velhos amigos, com os quais se comprometera, talvez Lord Wotton não devesse roubar-lhe tanto tempo. Querido Mr Gray, creio que Lord Wotton não seja verdadeiramente seu amigo e que não é uma boa influência. Tenha cuidado. Devastar-me-ia vê-lo perder-se.

Constança

Covilhã, dia 18 de Outubro 2006

Max Gray,

Soube que, numa dessas suas impetuosas rajadas de paixão, ficou noivo da nossa querida e talentosa Libyl.

Dea escolha, devo dizer. É verdade que a moça não tem muitos conhecimentos, ou meios, ou instrução, mas é, de facto, prodigiosa no modo como se transfigura, no modo como é todas as heroínas shakespearianas, como as condensa num só gesto. E bem sabe que o talento é o único critério para a avaliar.

Estou feliz por si e congratulo-o pelo facto do amor o ter acariciado com a sua mãe esta.

Até breve,

Constança

Sevilla, dia 28 de Outubro de 2006

Dorian,

Tens tomado umas atitudes que me surpreendem e que decepcionam profundamente.

Tomaste-te fútil. Já não vejo em ti o fantástico rapaz que foste, antes o idiota em que te estás a transformar.

Magoas as pessoas à tua volta, corrompes e desvias rapazes jovens para maus caminhos, já nem és agradável e a tua vida lasciva incomoda-me.

Bem sabes que não sou fundamentalista, mas começo a perguntar-me se a tua presença não será um estorvo à minha integridade moral.

Estás... corrompido! E, no entanto, a tua beleza física continua, como sempre, adorável. Até quando conseguirás esquecer o teu "eu", até quando guardarás a tua consciência no teu sótão poeirento?

Dorian, não vês que não é pelo prazer que se chega à felicidade?

tua amiga,

Constança

## AVALIAÇÃO INTERCALAR

ESCOLA SECUNDÁRIA CAMPOS MELO

***Avaliação do Portfolio***

Visto a: 14/10/06	Avaliação: Muito bem! Continua.
A professora: Fonseca	Sugestões: Não te esqueças de datar todos os documentos. Na introdução, deves indicar os objectivos do Portfolio. Podes incluir o filme onde travaste conhecimento com Mr. Dorian Gray.
Visto a: 20/11/06	Avaliação: Continua.
A professora: Fonseca	Sugestões: E se imaginasses uma possível resposta de Dorian às tuas cartas?
Visto a: 13/12/06	Avaliação: (20)
A professora: Fonseca	Sugestões:

ESCOLA SECUNDÁRIA CAMPOS MELO



Grelha de Observação

Contrato de Leitura – Portfolio

Nome do aluno observado	O Portfolio possui índice	Indicam-se os objectivos	Documentos organizados por secções	Justificam-se as escolhas	Datam-se os documentos	O Portfolio possui bibliografia
Constança Santos	N	N	S	N	S	S
Sugestões						

O Aluno

*Luís Cunha*

Data: 12/11/2016

## AVALIAÇÃO FINAL DO PORTEFÓLIO

**ESCOLA SECUNDÁRIA CAMPOS MELO**



**Parâmetros de Avaliação**

**Portefólio / Contrato de Leitura**

Nº / Nome	Organização lógica do portefólio			Qualidade dos trabalhos			Qualidade das reflexões			Cumprimento das tarefas solicitadas			Cumprimento dos prazos definidos			Total
	I	S	B	I	S	B	I	S	B	I	S	B	I	S	B	
1.																
2.																
3.																
4.																
5.																
6.																
7.																
8.																
9.																
10.																
11.																
12.																
13.																
14.																
15.																
16.																
17.																
18.																
19.																
20.																
21.																
22.																
23.																
24.																
25.																
26.																
27.																

Legenda: avaliação qualitativa/quantitativa

- Insuficiente - 0
- Suficiente - 2
- Bom - 4

## AVALIAÇÃO DA EXPRESSÃO ORAL



**ESCOLA SECUNDÁRIA C/3º CEB CAMPOS MELO - COVILHÃ**  
**GRELHA DE AVALIAÇÃO DA EXPRESSÃO ORAL**

**Português**

Nº / Nome	Parâmetros de Avaliação																		Total		Data		
	Socorre-se de notas/plano apenas para gerir a apresentação		Adequação à situação de comunicação		Voz audível / articulação correcta		Ritmo adequado / Gestão do tempo		Evita bordões linguísticos		Expressividade (verbal / não verbal)		Discurso fluente e organizado		Pertinência do conteúdo (refere no mínimo três argumentos)		Visão crítica da obra/tema apresentada(o)		Emprego de vocabulário específico da tipologia textual apresentada			Factores específicos de desvalorização	
	I	S	B	I	S	B	I	S	B	I	S	B	I	S	B	I	S	B	I	S		B	a)-2
1																							
2																							
3																							
4																							
5																							
6																							
7																							
8																							
9																							
10																							
11																							
12																							
13																							
14																							
15																							
16																							
17																							
18																							

ANO / TURMA \_\_\_\_\_

Período \_\_\_\_\_